

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA INFÂNCIA
E DA ADOLESCÊNCIA
LINHA DE PESQUISA: PROCESSOS PSICOSSOCIAIS**

**RELAÇÃO INTERGERACIONAL: CONCEPÇÕES E (RE) SIGNIFICADOS DA
ATIVIDADE HUMANA PRODUTIVA**

**CURITIBA
2004**

ANDRÉA MARIA FEDEGER

**RELAÇÃO INTERGERACIONAL: CONCEPÇÕES E (RE) SIGNIFICADOS DA
ATIVIDADE HUMANA PRODUTIVA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre. Curso de Mestrado em Psicologia da Infância e da Adolescência da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Yara L. Mazziotti Bulgacov.

**CURITIBA
2004**

TERMO DE APROVAÇÃO

ANDRÉA MARIA FEDEGER

RELAÇÃO INTERGERACIONAL: CONCEPÇÕES E (RE) SIGNIFICADOS DA ATIVIDADE HUMANA PRODUTIVA

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Mestrado em Psicologia da Infância e da Adolescência, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: Prof^a. Dra. Yara L. Mazziotti Bulgacov
Prof. Dra. Maria do Rosário Knechtel
Prof. Dra Denise de Camargo

Curitiba, 17 de Dezembro de 2003.

Aos meus modelos de homem e de mulher historicamente produtivos: os meus pais.
Com todo amor da vida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares e amigos que nestes dois anos de trabalho acreditaram na minha capacidade e enriqueceram-na com amor, carinho, compreensão e paciência.

Aos homens e mulheres historicamente produtivos que compõem o Programa de Participação Permanente e Programa de Extensão Integrar da UFPR, que gentilmente compartilharam um tempo de suas vidas e contribuíram para a realização desta pesquisa.

À professora Dr^a. Yara Mazziotti Bulgacov, minha orientadora, pelas contribuições.

À professora e amiga Ana Maria, que aproximou-me da pesquisa científica e me motivou a ser uma pesquisadora.

Ao empenho, dedicação e história de vida produtiva da Professora Dr^a. Maria do Rosário Knechtel.

À partilha social das emoções com a Professora Dr^a. Denise de Camargo.

Ao amigo Emmanuel, pela valiosa ajuda e pela generosidade em dispor de seu tempo em meu benefício.

À amiga Dulce, pela assessoria e apoio.

A todos os terapeutas ocupacionais do Brasil e alunos do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Tuiuti do Paraná, pelo incentivo e motivação.

O Moço

Não me pergunte quantos anos tenho; e sim, quantas cartas mandei e recebi.
Se mais jovem, se mais velho...o que importa se ainda sou um fervilhar de sonhos,
se não carrego o fardo da esperança morta?

Não me perguntem quantos anos tenho, e sim, quantos beijos troquei. Beijos de
amor!

Se a juventude em mim ainda é festa, se aproveito de tudo a cada instante e se eu
bebo da taça ou da gota...Ora! então, pouco se me dá que gota resta!

Não me perguntem quantos anos tenho mas... queiram saber de mim se criei filho,
queiram saber de mim que obras eu fiz, queiram saber de mim que amigos tenho e
se alguém pude eu tornar feliz.

Não me perguntem quantos anos tenho mas... queiram saber de mim que livros li,
queiram saber de mim por onde andei, queiram saber de mim quantas histórias,
quantos versos ouvi, quantos cantei.

E assim, somente assim, todos vocês, por mais brancos que estejam meus cabelos,
por mais rugas que vejam no meu rosto, terão vontade de chamar-me MOÇO!

E ao me verem passar aqui...ali...não saberão ao certo minha idade mas saberão,
por certo, que eu vivi!

(*Moacyr Sacramento, o Moço*)

SUMÁRIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
1 INTRODUÇÃO	1
2 BASES TEÓRICAS	9
2.1 O HOMEM JOVEM E O HOMEM IDOSO.....	9
2.1.1 Considerações sobre a Juventude.....	10
2.1.2 Considerações sobre o Envelhecimento.....	11
2.2 A SOCIEDADE E A CULTURA.....	13
2.3 ATIVIDADE HUMANA	16
2.4 IDENTIDADE.....	19
2.5 DA FORMAÇÃO DE CONCEITOS À UMA EDUCAÇÃO PERMANENTE ...	22
2.6 COMPARTILHAMENTO DE EMOÇÕES	26
2.7 A UNIVERSIDADE E OS PROJETOS DE EXTENSÃO PARA APOSENTADOS E APOSENTANDOS.....	28
2.7.1 Programa de Participação Permanente.....	29
2.8 PROGRAMAS DA UFPR	32
2.8.1 Os projetos do PPP (1995 – 2004)	32
6 REFERENCIAL METODOLÓGICO	36
6.1 DESCRIÇÕES E OBSERVAÇÕES	38
6.2 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA.....	42
6.3 INSERÇÃO DO PESQUISADOR NO GRUPO	43
6.4 CAPTAÇÃO DA REALIDADE OBJETIVA.....	44
7 INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE: ANÁLISE DE DISCURSO E OBSERVAÇÕES	45
7.1 ANÁLISE QUALITATIVA: A FALA DOS ENTREVISTADOS	47
7.1.1 O Contexto Intergeracional e o Vínculo com a Universidade	47
7.1.1.1 Síntese	55
7.2 AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E A COMPREENSÃO DE ATIVIDADE PRODUTIVA.....	56
7.3 INTERGERAÇÃO EM PROCESSO DE RE-SIGNIFICAÇÕES SÓCIO- HISTÓRICAS	61
7.2.1 Síntese.....	68
CONSIDERAÇÕES DA AUTORA	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICES	79
APÊNDICE 1- QUESTIONÁRIO	80
APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO	81
ANEXOS	82
ANEXO 1- ATIVIDADES DO PROGRAMA DE PARTICIPAÇÃO PERMANENTE	83
ANEXO 2 - SUB – PROJETOS E CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	88

RESUMO

Este trabalho trata da aproximação entre jovens acadêmicos e adultos aposentados em seus determinantes sócio-históricos, como possibilidade de compreender como se dá o inter-relacionamento entre ambos os grupos em uma atividade de extensão universitária. Entende-se, aqui, que a intergeracionalidade é, por si só, um fator promotor da igualdade entre gerações e ainda que, numa perspectiva mais ampla, é também potencializadora da mudança de mentalidades, do compartilhamento de vivências e de aprendizagem do ser social. Nesta perspectiva, o estudo desenvolveu-se a partir do pressuposto, constatado através da pesquisa teórico-prática, de que as relações intergeracionais facilitam a (re) significação de homens e mulheres historicamente produtivos, independente da fase da vida em que estes se encontram. Para validação deste pressuposto, realizou-se pesquisa qualitativa tendo como sujeitos da amostra jovens acadêmicas do Curso de Psicologia da UFPR e adultos aposentados que participam das atividades intergeracionais do Programa de Participação Permanente e do Programa de Extensão Integrar da UFPR. A investigação foi realizada por meio das técnicas de observação participante, registros em diários de campo e entrevistas, sendo que estas últimas foram aplicadas a 12 indivíduos no período de março e abril de 2004. Os dados obtidos revelaram a efetividade de tais Programas no propósito de estabelecer novas perspectivas de aprendizagem e de (re)significação social a partir do relacionamento intergeracional entre os dois grupos de indivíduos da amostra, sinalizando para a necessidade de ampliação de Programas deste tipo dentro de um cenário social que vem, gradualmente, valorizando a troca de conhecimentos entre gerações como forma de ampliar a qualidade de vida dos indivíduos.

Palavras-chave: relacionamento intergeracional, (re)significação social, Terapia Ocupacional, atividade humana, homem e mulher historicamente produtivo, compartilhamento de emoções, jovens acadêmicos, adultos aposentados.

ABSTRACT

This work deals with the approach between young students and retired adults in their social-historic context as a possibility to understand how does the inter-relationship happens between both groups in a specific activity of the university. It is understood in this study, that the intergeneration is, by itself, an important aspect that promotes equality between generations and still that, in a different perspective, it is powerful to change mentalities, to share experiences and to learn as a social being. In this perspective the study was developed from the believe and evidence through the theoretic-practical research that the relationship intergenerations facilitates a new concept of what means to be a men and a women productive historically, independent of the life time where they are located.

To validate this research, a qualitative research was developed having as young students from the Psychology Course of the UFPR and retired adults who participate the intergeneration activities of the Permanent Participation Program and the extra academic activity called Integrar Program of the UFPR. The investigation was developed using the participant observation technique, daily registers in the field and interviews. From March to April of 2004, twelve individuals having been interviewed. The collected data revealed the effectiveness of these Programs and their objectives to establish new perspectives of learning and to promote social and new concepts from the relationship between generations, in these two groups of individuals which is the sample. This study shows the necessity to expand Programs of this type in our social context, which comes gradually identifying the importance of the exchange of knowledge between generations as the form to improve the quality of life of the individuals.

Key-words: intergeneration relationship, social meaning, identity, human activity, man and woman productive historically, sharing emotions, young students, retired adults.

1 INTRODUÇÃO

O tema escolhido para desenvolvimento do estudo trata do relacionamento entre duas gerações no cotidiano de atividades que compõe o Programa de Participação Permanente (PPP) e o Projeto Integrar, da Universidade Federal do Paraná, na cidade de Curitiba. Ambos os programas, vinculados respectivamente às Pró-Reitorias de Recursos Humanos e Assuntos Estudantis e Pró-Reitoria de Extensão Comunitária, desenvolvem atividades intergeracionais, oportunizando o contato entre aposentados e jovens que compõem a classe universitária. Os jovens estão se preparando para o enfrentamento do mercado de trabalho e os adultos aposentados para um novo momento da vida, ou seja, fora do mercado de trabalho.

O estudo se posiciona na intersecção de três áreas de conhecimento: a Terapia Ocupacional, a Psicologia Social e a Educação Permanente, que, conforme se confirmará no desenvolvimento do trabalho, têm em comum a perspectiva do homem social, aqui considerado na sua totalidade.

A Terapia Ocupacional tem como objeto de estudo a ação humana, compreendida como o fazer - com o significado do fazer do homem em seu cotidiano - bem como a preocupação com o entendimento da complexidade dos fenômenos que envolvem esse fazer. Ao analisar seus múltiplos aspectos físicos, cognitivos, emocionais, sociais e culturais, tem-se como objetivo buscar e ressaltar a necessidade da autonomia (independência) e o reconhecimento social (inclusão) do cidadão em qualquer idade.

A Psicologia Social do Trabalho, assim como a Educação Permanente, na perspectiva aqui adotada, trabalham com uma base comum, a partir da concepção de um homem sócio e historicamente construído na plenitude de sua existência. Tratam-se de perspectivas que combatem a concepção de um homem apriorístico, com estruturas ou mecanismos prontos e que enaltecem um homem situado, datado, que constrói, se reconstrói e é construído a partir de sua condição social, econômica e cultural. Acredita-se no ser que não pode ser separado da sociedade, cuja subjetividade não pode ser separada da objetividade em que ele vive, e que é construído e se constrói nas relações e nas atividades. Sob a ótica dessa perspectiva, faz-se uma intersecção das áreas da Terapia Ocupacional, da Psicologia

Social e da Educação, essencialmente a partir das categorias teóricas comuns, a atividade e as interações, ambas situadas na totalidade do social e voltadas para o desenvolvimento humano.

É possível observar-se, hoje, na sociedade capitalista, que o ser humano está exposto a inúmeras situações que favorecem a alienação no seu fazer, o que predispõe a uma vida vazia e sem significado. As diversas pesquisas realizadas na área da Saúde, da Educação, da Psicologia e da Sociologia têm, com grande frequência, atribuído ao trabalho a categoria de núcleo estruturante da vida em sociedade. A forma como o trabalho, na sociedade, organiza o tempo do indivíduo e sua relação com os demais, ou seja, a sua constituição enquanto ser humano, vem sendo objeto de crítica de muitos teóricos como Soares (1991), Codo (1999) e Galheigo (2003), e em vários campos do conhecimento humano.

Na sociedade atual, a dominância da perspectiva econômica ultrapassa as atividades e interações do homem, fornecendo ao trabalho, um valor que se sobrepõe aos valores da vida. A dominância da lógica instrumental, que cultua o capital sobre a lógica substantiva que valoriza a relação, conduz a uma supervalorização tão somente da atividade produtiva econômica sobre as demais atividades historicamente produtivas do homem. A força e o produto do trabalho valem, sob a ótica capitalista, apenas pelas horas trabalhadas. O vínculo trabalho - satisfação de necessidades emerge em um novo prisma: trabalho - troca de satisfação de necessidades, fazendo com que as necessidades do homem sejam ligadas ao dinheiro e não à sua auto-realização, ou seja, a realização no trabalho como valor humano. As relações humanas são perpassadas por dimensões de tempo, espaço, emoções, preconceito e novas identificações do ser humano.

Nesse sentido, este estudo encontra base teórica nas palavras de Leontiev (1978) sobre a própria organização corporal do homem, qual seja, a necessidade de entrar em uma relação ativa com o mundo exterior; e ainda, que para existir concretamente é preciso atuar e ao interagir sobre o mundo exterior o indivíduo modifica o espaço, assim como também se modifica. Este fundamento teórico, então, remete e dá consistência ao que se pretende neste estudo: a busca de compreensão da atividade humana é histórica e humanamente produtiva nas diferentes faixas etárias do ser humano.

A concepção de atividade humana e produtiva é investigada neste estudo, utilizando-se a idéia de Habermas (1988, citado por ALVES, 1997), que diferencia como traços da modernidade dois mundos: o mundo vivido e o mundo sistêmico. O mundo vivido, marcado pela reprodução simbólica (interação), é um espaço onde a “ação comunicativa”, que permite a razão comunicativa sem coerção, é possível, tendo como base o poder da solidariedade, poder já apontado por Marx nas relações de produção; conforme argumenta Habermas (citado por ALVES, 1997), o poder da interação da solidariedade é fundamental na luta de classes. Já o mundo sistêmico, prossegue o autor, é o mundo da reprodução material do trabalho, no qual a razão instrumental é fundamental para o desenvolvimento das forças produtivas. Por meio dos subsistemas econômicos e políticos é que desenvolvem-se os mecanismos auto-reguladores, como o dinheiro (capital) e o poder (burocracia) que, por sua vez, permitem a integração sistêmica

Na perspectiva do mesmo autor, instituem-se processos de exclusão que dominam, ideologicamente, concepções naturalizantes.

Assim, entende-se que de certa forma as atividades e relações concebidas como historicamente produtivas, nos programas em foco ficam “distantes” da ótica mercantil capitalista. São atividades psicossociais, educativas e comunicativas que produzem a consciência e uma nova visão de mundo, através da dialética homem/natureza, homem/homem, numa perspectiva de educação permanente.

A experiência profissional, como docente da Universidade Tuiuti do Paraná, somada à prática profissional em Terapia Ocupacional, na área da Gerontologia, favoreceu a constatação de como são dramáticos e inúmeros os aspectos relacionados ao processo do envelhecimento humano, desde a concepção até a morte. O impacto demográfico determinado pelo crescimento acentuado da população idosa no Brasil pode ser visto através dos dados mais recentes do último Censo de 2000¹. O número de idosos passou de 2 milhões, em 1950, para 6 milhões, em 1975 e para 15,4 milhões, em 2002, traduzindo um aumento de 700%²

As repercussões sociais sobre o idoso são, hoje, assuntos da agenda social contemporânea, haja vista a preocupação com a inclusão do cidadão de mais idade

¹ No Brasil, segundo o censo de 2000/ IBGE, a população total era de 169.590.693.

² Define-se população idosa como aquela a partir dos 60 anos de idade. No Brasil, existem dois documentos oficiais, a Lei 8.842/94, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, e a Política Nacional de Saúde do Idoso, sancionada pelo Ministério da Saúde, publicada em Diário Oficial em 13 de dezembro de 1999.

e a preocupação em oportunizar uma rica troca intelectual e afetiva entre jovens e idosos nas Universidades para Terceira Idade, nas atividades do SESC São Paulo e em Curitiba para a Terceira Idade, as atividades do PROAP da Universidade de Blumenau, da UNATI do Rio de Janeiro e outras instituições sociais que buscam criar processos de integração entre estas duas gerações. O estudo em pauta se caracteriza pelo interesse de sistematizar e aprofundar observações e pesquisas sobre esta relação intergeracional, procurando identificar como se dá o processo de interação entre o jovem universitário e o adulto aposentado e aquele que está se aposentando no Programa de Participação Permanente a partir das atividades propostas pelos programas da UFPR desde 1994.

A espécie humana necessitou de milhões de anos para chegar a uma população estimada em um bilhão de pessoas, o que ocorreu em 1830. Em 1927, este número dobrou. Em 1960 chegou a três bilhões de habitantes no planeta. De lá para cá, a aceleração cresce. O Brasil é um país que envelhece a passos largos. As alterações na dinâmica populacional são claras, inexoráveis e irreversíveis, o que desperta as atenções para questões como, por exemplo, manter a independência e a vida ativa, o monitoramento de doenças crônicas próprias do processo de envelhecimento ou a escassez de recursos para uma demanda crescente. Viver mais é um desejo natural de qualquer sociedade, porém, é imprescindível que se consiga agregar qualidade a esses anos adicionais de vida. Em paralelo a este incremento populacional, a longevidade humana estendeu-se a limites até então inimagináveis, colocando a questão do envelhecimento da população como um dos maiores desafios da sociedade contemporânea. A verdade é que não temos uma cultura do envelhecimento. Somos uma sociedade da produção em escala, do descartável e da renovação permanente. O jovem ainda não produz, e assim sendo, está fora do mercado de trabalho; o idoso, por sua vez, precisa ser substituído. Estas duas realidades se inserem no contexto do paradigma do homem e da mulher historicamente produtivos, ambos vivos, ativos e em processo de desenvolvimento. Entende-se aqui que, de igual forma, mas em ritmos diferentes, a educação e a aprendizagem da infância acompanham o indivíduo na adolescência, na vida adulta até ele tornar-se um adulto longevo. Forma um cidadão, que é historicamente produtivo, ou seja, com desejos, quereres, fazeres, criador, produtor e realizador em

todas as idades (SILVA *in* BRANDÃO *et al.*, 2003).

Como vivem e convivem estas gerações? Pode-se observar que as investigações sobre o relacionamento intergeracional têm como enfoque predominante as relações familiares. Os trabalhos de pesquisadores como Ferrigno (2003), Oliveira (1999) e Barros (1987) têm focalizado com ênfase a importância das relações intergeracionais entre jovens e idosos, pais e filhos, avós e netos, seja em contextos públicos ou privados.

Considerando o crescimento dos espaços públicos que oportunizam as relações intergeracionais, bem como o aumento da população idosa no País, justifica-se aqui a relevância desta pesquisa, tendo em vista que o Programa de Participação Permanente, inclusive o Projeto Integrar da UFPR, visam promover estas relações e, em seu contexto histórico não possuem ainda investigação sobre esta temática, uma vez que o Programa foi implementado há pouco mais de 8 anos.

O estudo em pauta tem como pressupostos básicos que:

- as relações intergeracionais são benéficas e positivas;
- elas facilitam a (re) significação da concepção de homem e mulher historicamente produtivos, tanto do jovem como do adulto aposentado e aposentando;
- os estudos acerca do relacionamento intergeracional mediado por atividades propostas pelo Programa de Participação Permanente e do Projeto Integrar, da Universidade Federal do Paraná, podem contribuir para a melhoria das atividades e satisfação das necessidades da população jovem e idosa que deles participa.

O conceito de zona do desenvolvimento proximal, de Vigotsky, chama a atenção para o potencial de aprendizagem que pode ser desencadeado quando se encontram dois sujeitos com níveis de experiências significativamente diferentes. Aquele com mais experiência pode ser um bom facilitador da aprendizagem do outro. Este princípio teve forte impacto nos procedimentos em sala de aula e nas dinâmicas e excursões entre jovens e adultos aposentados. Surge daí o procedimento de misturar pessoas com diferenças sócio-culturais, biopsicosociológicas, porém, capazes de aprender, mesmo que em ritmos diferentes.

Nesta pesquisa, parte-se do pressuposto de que o contato de jovens acadêmicos e de adultos aposentados gera uma área potencial de aprendizagem e desenvolvimento em qualquer idade, considerando ainda que a aprendizagem ocorre em mão dupla: o educador também aprende, invertendo, assim, a relação de poder. Nesta investigação acredita-se, também, que a aprendizagem na relação intergeracional ocorre em ambos os sentidos: tanto o jovem acadêmico como o adulto idoso compartilham de um processo de (re)significação da concepção de homem e mulher historicamente produtivos, de maneira que um aprende com o outro.

Entende-se neste estudo como (re) significação da concepção de homem e mulher historicamente produtivos, a possibilidade de uma determinada condição de interação entre jovens acadêmicos e adultos aposentados ao questionarem seus espaços no contexto social, de forma a que surjam novas ações, novas reflexões, nova visão de mundo. Desta forma, ocorre a construção de novas identidades, bem como o estabelecimento de metas, exploração e busca de interesses, compartilhamento de emoções, experiências e histórias, num movimento recíproco de crescimento. Oportuniza, ainda, a reflexão e a proposição de práticas sociais educativas e contribui para a melhoria de qualidade de vida no processo do envelhecer humano. Como o envelhecer é um processo natural da evolução humana, uma filosofia do envelhecimento deveria ser precedida pelo estabelecimento de uma filosofia de vida de qualidade do ser humano. Objetiva-se que, ao investigar esta relação, este estudo possa contribuir para enriquecimento desta filosofia, envolvendo valores, fundamentos e práticas sociais educativas.

As denominações infância, adolescência e velhice referem-se a fenômenos vitais e sociais da modernidade e possuem características específicas das respectivas faixas etárias. Pode-se supor, então, que no dias atuais estejam sendo criadas novas condições para uma reaproximação de gerações, favorecidas pela diversidade cada vez maior de estilos de vida de jovens e idosos. É possível vislumbrar-se sinais dessas relações intergeracionais, principalmente pelas novas formas de se vivenciar a velhice e o processo de envelhecimento. Neste sentido, encontra-se apoio em Ferrigno (2003, p.109.), que assim considera:

[...] tenho certeza de que o compartilhamento das experiências de homens e mulheres maduros e jovens, ao combater o preconceito etário, pode efetivamente contribuir para a edificação de uma sociedade mais justa, tolerante, democrática e solidária.

Considerando, assim, as ponderações já colocadas, esta pesquisa visa buscar fundamentos, dados e respostas aos seguintes questionamentos:

- Como ocorre (e se ocorre), a partir das atividades intergeracionais no Programa de Participação Permanente (PPP) e Projeto Integrar da Universidade Federal do Paraná, o processo de (re) significação da concepção de homem e de mulher historicamente produtivos?

- As relações intergeracionais são benéficas e de qualidade?

- As relações podem ser estimuladas com a perspectiva de um enriquecimento mútuo, facilitando assim a (re) significação da concepção de homem e mulher historicamente produtivos, tanto do jovem como do adulto?

- O adulto aposentado e o jovem acadêmico podem (re) construir novas possibilidades de qualidade de vida?

- A relação entre jovens acadêmicos e adultos aposentados, mediada por atividades humanas, gera uma área potencial de aprendizagem e desenvolvimento?

- Como ocorre a aprendizagem nesta relação intergeracional?

A partir destes questionamentos, o objetivo geral a ser atingido no desenvolvimento do estudo foi o de identificar e caracterizar o processo de (re) significação da concepção de homem e mulher historicamente produtivos, mediados por atividades intergeracionais, no Programa de Participação Permanente e no Programa de Extensão Integrar da Universidade Federal do Paraná.

O objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos:

- caracterizar as atividades que constituem os Programas Intergeracionais da Universidade Federal do Paraná, o Projeto Integrar e o Programa de Participação Permanente (PPP);
- identificar o processo de compartilhamento social e de emoções entre jovens acadêmicos e aposentados/aposentandos da UFPR e da comunidade de Curitiba;
- analisar o contexto sócio-histórico do Programa de Participação Permanente e Projeto Integrar que permeia a interação

jovem/aposentado/aposentando;

- identificar o significado expresso nas relações intergeracionais "do ser jovem" e "do ser idoso";
- registrar a maneira e o momento de participação nas atividades nos programas intergeracionais da UFPR, identificando ou reconhecendo a emergência de construções de novas identidades;
- identificar as contradições que podem ser apreendidas focando estas relações nas atividades dos programas intergeracionais e nas relações no cotidiano;
- contextualizar as contradições presentes nas relações e nas atividades propostas nos programas intergeracionais e nas relações do cotidiano;
- oferecer subsídios à melhoria de qualidade dos referidos programas.

2 BASES TEÓRICAS

2.1 O HOMEM JOVEM E O HOMEM IDOSO

O organismo humano, desde sua concepção até a morte, passa por diversas fases: desenvolvimento, puberdade, maturidade ou estabilização e envelhecimento. Nascermos, crescermos e morreremos como todo ser vivo. Para além das leis naturais, as culturas humanas pré-históricas e históricas produziram e prosseguem seguem produzindo significações para cada uma das etapas da existência do homem (FERRIGNO, 2003). O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade.

Segundo Morin (1996), o homem é o mais privilegiado dos animais, pois é o único que se encontra em si mesmo, numa tarefa não concedida aos outros, a de não só viver a vida, mas, sobretudo, de conduzi-la.

O desenvolvimento do psiquismo animal é determinado pelas leis da evolução biológica, sendo que apenas o ser humano está submetido às leis do desenvolvimento sócio-histórico, conforme afirma VIGOTSKY (1984). Para este autor, as características do funcionamento psicológico tipicamente humano não estão presentes desde o nascimento do indivíduo, nem são adquiridas passivamente do ambiente externo. Elas são construídas ao longo da vida do indivíduo, através de um processo de interação do homem com seu meio físico e social, que possibilita a apropriação da cultura elaborada pelas gerações precedentes, ao longo de milênios. Com reflexões semelhantes, Leontiev (1978, p.267) enfatiza: "cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana". É ele, portanto que ajuda a construir a história, produzindo a cultura, sendo assim, o sujeito da história.

Heller (2000) afirma que todo homem é singular, individual e particular ao mesmo tempo, ente humano-genérico, um homem que sempre atua segundo seus instintos e necessidades, socialmente formados, porém referidos a si mesmo, ao seu

Eu, que sente e deseja. E a partir dessa perspectiva, percebe, interroga e dá respostas à realidade; ao mesmo tempo atua como membro do gênero humano com seus sentimentos e necessidades, possuindo caráter humano-genérico. É este homem privilegiado, singular, sensível, ativo que se propõe a estudar nesta pesquisa. A compreensão sobre os aspectos do homem em duas fases do desenvolvimento humano: na juventude e na velhice, dois momentos distintos em seus aspectos histórico e social, torna-se o ponto fundamental para o avanço desta pesquisa.

2.1.1 Considerações sobre a Juventude

O termo Juventude, do ponto de vista etimológico, tem sua origem em *juvene - jove*, isto é, Júpiter, deus supremo do Olimpo, uma simbologia que traduz a juventude como ápice da vida. Porém, no curso da História, nem mesmo os deuses são imunes ao tempo e às suas mudanças. Uranus, Cronos, Zeus, quando advertidos pelo oráculo de que seriam destronados por um filho, tentam inutilmente impedir a mudança, matando-os e devorando-os. Em todos havia o anseio de permanência e a vivência dramática do Tempo e suas mudanças. Ariés (1981) fala do século XX como o "século da adolescência", ao mesmo tempo que um marketing bem definido em torno do jovem foi criado nas últimas décadas, a juventude é um período transitório que pode ser assim sintetizado: deseja-se chegar a ela cedo e nela permanecer por muito tempo. De certo modo, está se falando do sonho humano de rejuvenescimento, de "eterna juventude", com a possibilidade de uma vida mais plena e fecunda.

O movimento estudantil, o movimento hippie dos anos 60, o movimento punk nos anos 70, entre outros, favoreceram uma visibilidade maior da juventude. A influência dos meios de comunicação de massa na divulgação de discursos de especialistas sobre a importância de uma educação mais liberal, a ação de movimentos de esquerda fortalecidos pela revolução cubana e pela revolução cultural chinesa, a intervenção norte americana no Vietnã e os golpes militares na América Latina, foram alguns dos eventos sócio-políticos que contribuíram para uma

forte mobilização da juventude ocidental, em meados do século passado, em favor da liberdade de expressão e do direito de escolha de um estilo de vida que negasse a opressão política e a exploração econômica.

Mais recentemente, porém, constata-se uma menor mobilização dos jovens, como os estudantes universitários e secundaristas, em decorrência de complexos fatores conjunturais, dentre os quais pode-se destacar as utopias de experiências socialistas em várias partes do mundo. Percebe-se que muitos jovens, atualmente, estão voltados para a preparação de seu futuro, preocupados não apenas com a realização profissional, mas principalmente com a ascensão social. De outro lado, uma grande parcela destes jovens encontram-se indefinidos e sem perspectivas. Destes, infelizmente, um contingente expressivo vive na marginalidade, principalmente nos grandes centros urbanos.

Em torno da figura do jovem foi criado durante as últimas décadas, um marketing bem definido. O conceito de juventude está fortemente associado a mercadorias e serviços que prometem vitalidade, beleza, sensualidade e liberdade. Assim, os consumidores de qualquer idade, mesmo os mais velhos, sonham com a possibilidade de adquirir alguns dos propalados atributos juvenis.

2.1.2 Considerações sobre o Envelhecimento

A sociedade moderna, ao cultivar os valores do progresso, da inovação, da juventude e, principalmente, do consumo, produziu uma imagem de velhice e de envelhecimento associada freqüentemente a algo ultrapassado, sem serventia e caracterizado como um processo contínuo de perdas físicas, psíquicas e sociais. Apesar dos vários estereótipos que incidem sobre o envelhecimento, Debert (1998) considera que, atualmente, tem-se verificado uma importante alteração na imagem da velhice, concretizada na construção social da Terceira Idade. No entender desta autora, os estudos acerca do envelhecimento nas mais diferentes áreas do conhecimento humano, têm passado de uma abordagem da velhice como "fonte de miséria", para uma outra, que a entende como "fonte de recursos".

Debert (1998), afirma em seu estudo acerca das representações do papel do

idoso na sociedade atual que atualmente os idosos são vistos como seres dotados de condições de desenvolver atividades prazerosas e promotoras de realização pessoal. Para esta antropóloga, três fatores explicariam o novo tratamento dado à velhice: 1) a ampliação de aposentadorias a faixas etárias mais jovens e criação de conceitos como "meia idade", "terceira idade", "aposentadoria ativa"; 2) a universalização das aposentadorias e das pensões como direitos sociais, num momento em que o desemprego e o subemprego atingem principalmente as camadas mais jovens da população, fazendo com que cada vez mais idosos passem à condição de provedores em suas famílias, principalmente nas camadas mais pobres da população; 3) uma concepção autoprotetionista do corpo que, através do consumo de produtos e serviços, procura combater a decadência física e promover a saúde. Para Ferrigno (2003), a expansão da população idosa tem feito crescer o peso político e eleitoral desse segmento etário, fazendo desse fenômeno, a inserção, mais um importante fator de valorização dos idosos.

A organização da Terceira Idade, nos últimos anos, em Conselhos Municipais e Estaduais espalhados por todo o país, além do recém criado Conselho Nacional dos Direitos do Idoso, certamente tem contribuído para modificar a imagem social do idoso. Todavia, esse novo paradigma de velhice, ao mesmo tempo em que compõe a pauta da agenda contemporânea, mantém os idosos carentes de assistência. Por conseguinte, as determinações socio-econômicas dessa exclusão tendem a responsabilizar o próprio indivíduo pelo estilo idealizado de vida.

Como se pode observar, para cada etapa da existência humana há um conjunto de normas e de expectativas próprias de cada sociedade. A assimilação desses padrões de comportamento se dá, em determinadas culturas, como por exemplo nas comunidades indígenas, num processo de ritos de passagem de uma fase etária para outra de modo claro e exuberante. Os períodos de transições dentro do ciclo de desenvolvimento do homem moderno vêm adquirindo significativa importância para a compreensão do grau de adaptação aos valores da sociedade atual.

2.2 A SOCIEDADE E A CULTURA

Para que se possa compreender a sociedade humana é necessário, inicialmente, refletir sobre o seu postulado, de que o comportamento humano e as relações sociais constituem uma linguagem, dando assim uma orientação intensamente ligada à natureza e à sociedade humana, uma vez que a linguagem é, dentre os constituintes da cultura, o mais genuinamente humano. O espírito humano é estruturador, ordenador do relacionamento homem/mundo, sendo também o responsável pela cultura, que consiste na substituição do aleatório pelo organizado; é mapa condutor do comportamento dos indivíduos, assegurando ainda a existência do homem enquanto grupo.

O ser humano desenvolve-se através dessas relações. Não há uma contradição, basicamente, entre indivíduo e sociedade. O indivíduo é um ser histórico-cultural constituído por inter-relações sociais. A razão e a mente são produtos de relações em constantes transformações, assim como os "instintos" e as emoções transformam-se no decorrer da vida social. Os papéis sociais e as instituições humanas originam-se de inter-relações pessoais que são cristalizadas através de regras que, inicialmente, são hábitos adquiridos. As instituições, além das relações sociais, envolvem também determinados materiais, artefatos e códigos (BONNIN, 1998).

As principais idéias de Vigotsky (1984) com relação ao binômio indivíduo/sociedade, o traduzem como resultado da interação dialética do homem e seu meio sócio-cultural. Ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender às suas necessidades básicas, ele transforma-se a si mesmo. Prossegue o autor dizendo que a inserção do homem, num dado contexto cultural e a partir de sua interação com os membros de seu grupo, bem como a sua participação em práticas sociais historicamente construídas, incorpora ativamente as formas de comportamento já consolidadas na experiência humana.

Nessa mesma linha de pensamento, Heller (2000) afirma que a sociedade é sempre um complexo método de produção determinado, apresentando ainda classes, camadas, formas mentais e alternativas igualmente determinadas. A história é a substância da sociedade. A sociedade não dispõe de nenhuma substância além

do homem, pois os homens são apenas portadores da objetividade social, cabendo-lhes exclusivamente a construção e transmissão de cada estrutura social. Vigotsky (1984) atribui uma importância fundamental ao papel da interação social no desenvolvimento do ser humano. Uma das mais significativas contribuições das teses por ele formuladas está na tentativa de explicitar como o processo de desenvolvimento é socialmente constituído.

Para compreender o ser humano produtivo, Bonin (1998) considera que, além de estudar seu corpo e sua origem, é necessário pesquisar, principalmente, como ele se constitui em um contexto sociocultural. Na transformação da sociedade, que ocorre de maneira consciente e ativa, esta consciência movimenta o processo produtivo e guia a atividade laborativa. Historicamente, o espaço é produzido por meio da produção material e guiado por relações sociais; portanto, é formado a partir das relações homem-meio e homem-homem. É possível compreender-se, então, que as relações humanas são, nesta concepção, guiadas socialmente, ou seja, as necessidades sociais são engendradas sobre o indivíduo.

Na sociedade capitalista, a centralidade do trabalho adquire conotações ideológicas muito importantes. A intensa complexidade da classe trabalhadora, que necessita do trabalho para sobrevivência, por exemplo, faz com que a cultura do trabalhador não se identifique enquanto classe, mas como um ser que desenvolve determinada atividade dentro de um circuito produtivo. Este fator atinge fortemente o universo da consciência e subjetividade dos trabalhadores. Em resumo, o homem aprendeu a trabalhar e pensar e com isto inaugurou a dominação sobre seu semelhante. Neste sentido, a natureza é fonte "inesgotável" de beleza e recursos a serem explorados e apropriados individualmente, pois sua posse a transforma em riqueza. Este ser, aprimorado com a dominação de classes, justifica várias injustiças, sendo uma delas o rebatimento da divisão do próprio homem que, despojado do Ser, não lhe é permitido Ser. Assim, alienado do produto de seu trabalho, vê-se dissociado de si. Com isto, o homem não se entende como produtor, e sim como força que desenvolve uma determinada atividade. Porém o trabalhador tem sua experiência social mediada por relações mercadológicas e contratuais, uma vez que sua sobrevivência é mediada no mercado por meio da remuneração pelo trabalho.

Nesta pesquisa, que busca uma concepção de homem e da mulher

historicamente produtivo não restrita à lógica dominante da sociedade capitalista, é necessário retomar a célebre formulação de MARX (1983, p.98):

O trabalho, como criador de valores de uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem - quaisquer que sejam as formas de sociedade, é necessariamente natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza, e, portanto, de manter a vida humana.

Para que seja possível compreender a sociedade e a cultura do homem e da mulher historicamente produtivos na lógica substantiva acerca do trabalho, é imprescindível estudar os pensadores da atualidade, discípulos do próprio marxismo, sendo Habermas (1988) um dos primeiros a emergir, por se caracterizar na negação da postura clássica. Este novo pensador não concebe a centralidade, mas a descentralidade da categoria trabalho em todos os ramos do saber. Este autor se propõe a não somente revisar, mas reconstruir a Teoria de Marx, numa reflexão centrada na razão comunicativa pura, cuja categoria central é a linguagem. O autor não chega à outra conclusão lógica senão a de que "trabalho e linguagem são categorias anteriores ao homem e à sociedade".

Na interpretação de Habermas (1988) acerca da categoria trabalho, sabe-se que Marx pressupõe o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem, que cumpre uma função social específica, a de mediatizar o intercâmbio orgânico entre o Homem (Sociedade) e a Natureza, com a finalidade de produzir objetividades materiais necessárias à reprodução social. O trabalho social não é uma categoria da natureza. Nesse sentido, não se assemelha em absoluto, a qualquer forma de atividade animal, a ponto de não ser possível também pensá-la numa perspectiva antropológica em que, igualmente, tenta assemelhá-la às formas de atividade das espécies pré-humanas. Mas o trabalho social, assim como também o trabalho singular, depende da linguagem, já que por meio desta é que se formam os conceitos e os processos laborativos. Ao proceder assim, inevitavelmente Habermas (1988) termina por fazer, ao fim e ao cabo, uma redução negativa do trabalho a uma concepção meramente tecnicista, quase sem nenhum conteúdo humanizador e muito menos emancipador.

2.3 ATIVIDADE HUMANA

Jovens e idosos formam duas gerações em processo de envelhecimento e desenvolvimento, ambos moldados pela atividade cultural dos outros, com quem eles se relacionam. Sob a ótica capitalista, ambos são improdutivos. Por um período de tempo mais curto a juventude prepara-se para enfrentar o mercado durante sua formação profissional. Por outro lado, na velhice, considerada um período "final" do desenvolvimento humano, os idosos vivem as perdas, o isolamento social e o preconceito.

Segundo Heller (1993), o amadurecimento do homem e da mulher significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana. No entanto, que cotidiano seria este que permite que o indivíduo, em seu desenvolvimento humano, seja reduzido à valorização de Homem e de Mulher produtivo, à medida que participa somente de um contexto mercantil?

A vida cotidiana, segundo Heller (2000), é a vida do homem em sua integridade, o qual participa na vida cotidiana com todos os aspectos da sua individualidade e de sua personalidade. Prossegue a autora descrevendo que o homem e a mulher do cotidiano são atuantes, ativos e receptivos. Refletindo sobre seu próprio envelhecimento enquanto ser produtor, numa retrospectiva histórica, sintetiza que ainda hoje a centralidade do trabalho na vida humana e a supervalorização do produto nos alienam e redimem a um futuro produtivo restrito ao tempo integrado ao contexto mercantil com sua produção, economia e acúmulo de bens. O estudante, enquanto jovem, é excluído da sociedade, tendo como certeza, na velhice, a condição de aposentado.

Assim, embora o processo de desenvolvimento do homem e da mulher historicamente produtivos seja construído a partir de uma incessante e contínua busca por novas aprendizagens e novas habilidades, com o propósito de satisfazer suas necessidades, este aprendizado permanente, em uma sociedade mercantilista como a contemporânea, é desvalorizado, assim como sua experiência de vida e de relações humanas não é reconhecida e, na maior parte das vezes, sequer considerada, para fins de um currículo profissional. Ou seja, os fatores idade,

titulação, formação e experiência profissional ocupam, na seleção do mercado de trabalho, uma importância impar, em detrimento de conhecimentos e habilidades que não compõem as exigências desse mercado.

Pressupõe-se que as atividades dos Programas em estudo promovam, através da atividade, os sujeitos produtores de conhecimento, porém não apenas como meros receptáculos que absorvem e contemplam o real, e nem tampouco portadores de verdades oriundas de um plano ideal, mas sim como sujeitos ativos que, em sua relação com o mundo, o reconstruem no seu pensamento, considerando-se que o conhecimento envolve sempre um fazer e um atuar do homem (SORATTO, 1999). Entende-se assim, que o homem é um ser em permanente construção, que vai se constituindo no espaço e no tempo histórico.

O trabalho, enquanto atividade criativa e de transformação, afirma Soratto (1999), modifica não apenas o mundo, mas também o homem que o executa. O trabalho enriquece o homem, considerando-se não apenas o dinheiro e o acúmulo de bens, e sim conhecimentos, experiências, habilidades, enfim, o bem comum e o desenvolvimento da forma mais ampla e por toda a vida humana. A atividade aqui categorizada não pode ser entendida somente em termos de energia física, pois a relação não é e nem deve ser meramente objetiva. Nesta ação estão depositadas as alegrias, as insatisfações, as queixas, sonhos, enfim, a subjetividade que “não pode ser guardada na gaveta”.

Segundo Leontiev (1978), a própria organização corporal do homem e da mulher está contida na necessidade de estabelecer uma relação ativa com o mundo exterior, e para existir dentro dela é preciso atuar. Cada indivíduo, ao nascer, encontra um sistema social criado através de gerações já existentes e que é assimilado por meio das inter-relações sociais (BONIN, 1998). Portanto, a atividade produtiva do jovem universitário e do adulto aposentado e aposentando, que vivem numa sociedade mediada pela organização do trabalho e própria de uma cultura que domina a lógica instrumental, estabelecem uma relação interessante a ser investigada, pois se pressupõe que no âmbito dos dois referidos Programas Integeraçãois da UFPR mediados por atividades, ocorram concepções e (re) significações entre estas gerações.

Neste sentido, são pertinentes as palavras de Bonin (1998, p.63), quando

afirma que a “tradição cultural se faz através de ações e interpretações nas práticas cotidianas que são transmitidas através da história de um grupo”. Propõe-se que nestas atividades os membros da coletividade ensinem os mais experientes através da manutenção de interesse, apresentando um modelo de tarefa e modelos de inter-relações, oferecendo suporte e apoio conforme o nível de progresso de sua aquisição e a ação dos novatos, os quais procuram se inserir e ter um papel na rede de atividades. A teoria histórico-cultural proposta por este autor não define cultura como a soma de artefatos e sua utilização, mas sim que estas ferramentas são aprendidas no contexto de atividades do grupo através de gerações. Dentro das concepções de Leontiev (1978), as funções psicológicas que surgem e se firmam no plano da inter-relação, tornam-se internalizadas, isto é, transformam-se para se constituir em funcionamento interno. Desta forma, as características do funcionamento psicológico como o comportamento de cada ser humano é, nesta perspectiva, construídas ao longo da vida do indivíduo, através de um processo de interação com o seu meio social, que possibilita a apropriação da cultura elaborada pelas gerações precedentes.

Cada indivíduo aprende a ser um homem. Guillemard (1972) afirma que o lugar que ele ocupa no sistema de produção reflete o lugar que ocupa no sistema cultural. Acredita-se então, que a localização produtiva do homem e da mulher tem conseqüências sobre outros fatores de sua vida. Apoiando-se em Santos (1990), em seu estudo sobre identidade e aposentadoria, no qual este autor afirma que o papel profissional determina as relações sociais, de poder e até mesmo o tempo livre da pessoa.

Durante toda a sua vida o homem e a mulher são levados a considerar o trabalho como seqüência lógica e natural de uma vida considerada normal e adaptada, como explica Santos (1990). Nos períodos de infância e adolescência há uma preparação com estudos para representar um papel profissional: é o tempo da escola, da universidade, da aprendizagem de uma profissão. Em síntese, a autora apresenta o ciclo da vida compreendido em três fases bem definidas: a preparação para o trabalho - que significa o período de formação -, a vida ativa e a aposentadoria. Na concepção de Santos (1990), o trabalho, enquanto papel obrigatório e prioritário, tem dupla influência na vida da mulher e do homem

produtivo.

Neste aspecto, Santos (1990) reflete, ainda, sobre o encontro e o engajamento no grupo social, a definição de papéis sociais de status. O trabalho como atividade produtiva mercantil, numa sociedade como a nossa, é o lugar privilegiado das referências sociais, por estruturar o tempo, o espaço e as relações sociais. Além de valor econômico, ele pode ser associado à segurança, à criatividade, à realização pessoal; ao mesmo tempo, ele pode também ser fonte de poder, de independência e de reconhecimento (Santos, 1990).

Em segundo lugar, o trabalho, como atividade humana produtiva, pode ser também fonte de alienação do homem e da mulher. Com o surgimento da troca, do mundo das mercadorias, prossegue Santos (1990), o trabalho, como atividade humana, adquiriu um caráter alienante, na medida em que o homem e a mulher perderam o controle de sua vida profissional, reduzindo-se à condição de objeto. Este trabalho já não expressa mais satisfação de uma necessidade, a expressão da personalidade do produtor, mas é apenas o meio de satisfazer as necessidades fora do trabalho. A atividade produtiva se torna apenas fonte econômica e sem significado (Santos 1990).

A atividade humana produtiva, neste estudo, é a atividade com significado para o produtor e distante da ótica mercantil. Considerando-se as duas gerações em estudo, uma geração jovem que se prepara para a inserção no mercado e uma geração mais madura, que por conta da aposentadoria é considerada à luz do olhar capitalista como improdutiva, faz-se necessário refletir sobre a importância que o trabalho, como atividade humana produtiva, tem para a sociedade e para a vida da pessoa. A exclusão do mundo do trabalho, segundo Santos (1990), é ao mesmo tempo inexistência/perda de um lugar no sistema de produção, reorganização espacial e temporal na vida do jovem e do aposentado (tempo e lugar de trabalho/tempo e lugar de não trabalho) e (re)estruturação da identidade pessoal.

2.4 IDENTIDADE

Vigotsky (1988), afirma que, devido a essas características especificamente

humanas, torna-se impossível considerar o desenvolvimento do sujeito como um processo universal, previsível, linear ou gradual. Portanto, em cada etapa da existência do homem e da mulher, há um conjunto de normas e de expectativas próprias de cada sociedade.

Pressupõe-se, então, que existe um desenvolvimento permanente que pode ser individual ou coletivo, configurado como um processo histórico e dialético na medida em que o homem é constituído por elementos complexos que se mantêm, se modificam, se opõem ou se compõem no decorrer da vida.

Desvendando a ideologia da não transformação do ser humano como condição para a não transformação da sociedade, Ciampa (1999) apresenta o conceito de identidade - processo - metamorfose. O sujeito, segundo o autor, começa quando nasce, ou melhor, quando ainda é concebido e/ou gerado e se completa com sua morte biológica, passando por um contínuo processo de morte e vida, num momento progressivo e regressivo ininterrupto entre aqueles dois extremos biológicos. A busca da identidade implica em uma aceitação pelo outro, o reconhecimento e valorização de si. Esses sentimentos passam pela percepção que tem o sujeito de ser avaliado positivamente por seu grupo social, sobretudo pelos outros que lhe são significativos.

Para Ciampa (1999), a questão da identidade se constitui num tema desafiante e pertinente, pois onde houver gente haverá também a questão de identidade. Dentro das concepções deste mesmo autor, sobre a centralidade do trabalho em nossa sociedade, retoma-se agora as condições das gerações observadas nesta pesquisa. Diz ele que a inserção no mercado de trabalho quase sempre sela um destino, sendo um componente forte na configuração de uma identidade. De que maneira as relações intergeracionais entre estes jovens universitários e idosos aposentados e aposentandos, ambos afastados do mercado produtivo, podem configurar na construção de novas identidades?

Inseridos em um mundo socialmente construído e experienciado, os jovens só podem constituir sua identidade enquanto houver um fenômeno social, no qual o indivíduo se assemelha e se diferencia de outros. Eis o processo identificatório, imprescindível ao desenvolvimento do sentido de unicidade e à possibilidade de exercer diferentes papéis sociais, quesitos necessários para a inserção de qualquer

ser humano em uma comunidade.

Numa abordagem materialista-histórica, Ciampa (1987) afirma que a identidade vem a ser definida como um produto da relação entre atividade e consciência. A constituição de uma imagem de si, de um eu, depende do que se faz e de como se é representado pelos outros. Então a consciência da identificação de um eu é refletida na concepção de um outro e é pela atividade e pela interação que ambos se reconhecem e representam-se. Um importante substantivo incorporado à definição identitária no mundo moderno é o profissional. Embora o jovem experimente certo desconforto decorrente da ausência de limites, na visão de Ferrigno (2003), pode-se perceber ao menos as expectativas mais gerais que a sociedade reserva para ele. Casar-se, constituir família e conquistar uma boa posição social são realizações preciosas numa sociedade capitalista. Ao adulto cabe a responsabilidade de definir uma identidade não menos trabalhosa que a de um jovem. No entanto, a manutenção de uma identidade depende da reposição contínua, como: sendo alguém, estando em determinado lugar, tempo, contexto e relações. Se o homem e a mulher estruturam a vida em função do trabalho, questiona Santos (1990), como ele (re)organiza e (re)centraliza seu papel na sociedade?

A mudança é uma característica da pessoa humana. Mesmo quando se fala em estabilidade e permanência, deve-se ter claro, segundo Santos (1990) que a identidade não é imutável. Os acontecimentos da vida humana, como por exemplo, a transição da adolescência para a vida adulta e desta última para a velhice, determinam momentos de mudança no conceito de si mesmo. O fim do período de formação, para o jovem deste estudo, que se prepara para a vida profissional é, para a grande maioria, uma fase marcada por crises que levam a pessoa a modificar sua identidade. Como afirma Santos (1990), é como se o indivíduo devesse integrar um novo aspecto no conceito de si mesmo, o papel profissional, o que se reflete em uma modificação na organização do conjunto que se conhece por identidade.

De acordo com as reflexões de Santos (1990), é interessante observar que nas culturas orientais, a velhice é considerada com prestígio e sinônimo de sabedoria e experiência, o que leva a pessoa mais velha a conservar seu papel ativo no grupo social. Nestas culturas, a longa experiência de vida dos mais velhos

possibilita a aquisição de um maior domínio da estrutura de códigos culturais que regem a vida social. É assim que nas comunidades, onde o trabalho não é completamente relacionado à força física, os velhos mantêm a continuidade dos valores e códigos de sua cultura. Prosegue Santos (1990) analisando a cultura em nossa sociedade, dita industrial e moderna, e na qual a ênfase é dada à juventude e à capacidade de produção, ser velho representa uma perda de prestígio, um afastamento do mundo social.

Bosi (2003) sintetiza que o homem jovem e ativo, em geral, não se ocupa com lembranças, eles não têm tempo para isso. Dos jovens a sociedade espera produção, e muitas vezes não se dá conta da violência implícita neste processo. Produção nas indústrias, nas minas de carvão, na produção do conhecimento – muita produção. Dos velhos não. Deles, espera-se a lembrança. Mas quando não se valoriza essa função social, há um esvaziamento e uma desvalorização dessa nova etapa de vida.

2.5 DA FORMAÇÃO DE CONCEITOS À UMA EDUCAÇÃO PERMANENTE

Considerando-se que este estudo busca conhecer os conceitos e (re) significados do homem e da mulher historicamente produtivo acerca da atividade humana, faz-se necessário uma breve reflexão relativamente à educação numa perspectiva materialista dialética. Assim, numa abordagem educacional, a aprendizagem é focalizada como fator de desenvolvimento humano.

Profundamente ligado ao materialismo dialético e, pelas suas concepções em relação ao homem e à natureza, sobre sociedade, trabalho humano e uso de instrumentos, Vigotsky (2000) dedicou-se à investigação das funções psicológicas superiores, tipicamente humanas, e procurou enraizá-las na sociedade e na cultura. Embora considerando as determinações biológicas do homem, este autor enfatiza a grande importância da dimensão social do homem e da mulher, que fornece os instrumentos e os símbolos, bem como todos os elementos impregnados de significado cultural contidos na sociedade. Sendo que estes mediatizam a relação do indivíduo com o mundo e fornecem os mecanismos psicológicos e formas de agir

nesse mundo.

Na perspectiva de Vigotsky (2000), o aprendizado é considerado um aspecto necessário e fundamental no processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Isto posto, o desenvolvimento pleno do ser humano depende do que ele aprende num determinado grupo cultural, a partir da interação com outros indivíduos de sua espécie. Sendo assim, é o aprendizado que possibilita e movimenta o processo de desenvolvimento, garantindo a constituição das características psicológicas especificamente humanas e culturalmente organizadas.

O conceito de zona do desenvolvimento proximal de Vigotsky (1991, p.97) é novo e apresenta grande importância para o aprendizado escolar:

É a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Portanto, para este autor, o desenvolvimento se apresenta em dois níveis: o primeiro se refere às conquistas já efetivadas, que o autor designa como nível de desenvolvimento real; e o segundo, denominado nível de desenvolvimento potencial, se relaciona com as capacidades em vias de serem construídas. Este último nível refere-se àquilo que a pessoa é capaz de fazer com a participação de outra pessoa. E é nesse caso que a pessoa realiza tarefas e soluciona problemas através do diálogo, da colaboração, da imitação e da experiência compartilhada.

O aprendizado, para Vigostky (2000), é o responsável por criar a zona de desenvolvimento proximal, na medida em que, em interação com os outros, a criança é capaz de colocar em movimento vários processos de desenvolvimento, o que, sem a ajuda do social, seria impossível ocorrer. Nesses termos, o trabalho desse autor se constitui numa referência significativa para o desenvolvimento pleno do educando, num processo pedagógico que promova, com base nas potencialidades da pessoa, desafios cada vez maiores para que ela possa realizar-se como um sujeito do aprender e, conseqüentemente, como um sujeito transformador de seu mundo.

Na perspectiva da educação formal, Freire (2003) coloca a questão da formação docente ao lado da reflexão sobre a prática educativo-progressista em

favor da autonomia do ser dos educandos. Este autor se aproxima da questão da inconclusão do ser humano, de sua inserção num permanente movimento de procura, que rediscute a curiosidade ingênua e a crítica. Para ele, formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas.

Para Freire (2003), a educação deve ser problematizadora, que busca romper com o paradigma educador-educando. Professor e aluno ocupam as duas posições. Trocando de papéis, um permite ao outro ser sujeito e crescer junto. Em vez de professor que transmite comunicado sobre um objeto e um aluno que passivamente recebe estas informações, acreditando ter aprendido, a educação problematizadora, traz o professor para posição do aluno e o aluno para a posição do professor. Professor-aluno são sujeitos do processo, crescem juntos. O educando, ao ser educado, também educa. Ambos crescem na crítica da própria reflexão e ação. Neste processo, o professor e o aluno são mediadores, um do aprendizado do outro.

Na perspectiva de Freire (2003), conhecer é tarefa de sujeitos e não de objetos. E é como sujeitos, e somente enquanto sujeitos, que o homem pode realmente conhecer. Por isso mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido - com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo -, aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas. Sujeitos responsáveis pelo processo de conhecer adquirem o conhecimento através de interações com objetos e com outros sujeitos. Nesta interação, os sujeitos não só apreendem conhecimentos como também contribuem com o aprendizado de outros. Para Freire (2003), nós, mulheres e homens, seres históricos sociais, somente nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, porque estamos **sendo**. Para ele, estar sendo, é a condição entre nós, para **ser**.

Numa nova visibilidade do ser humano historicamente produtivo, privilegiando o desenvolvimento humano em todas as dimensões, Knechtel (*in* BRANDÃO et al, 2003, p.10) reafirma os pressupostos teóricos, sociais e políticos de Educação Permanente. Para esta autora, a Educação Permanente “incorpora, dialeticamente, teoria e prática, sentir e agir e se identifica com o desenvolvimento

do indivíduo e da sociedade como totalidade”.

Sendo assim, a Educação Permanente considera as pessoas como sujeitos do seu próprio desenvolvimento, no seu ritmo, respaldados pela experiência, sabedoria de vida, do seu mundo produtivo, cujo saber está se constituindo na própria realidade social e cultural em interação com os outros (Knechtel,2001).

Inserir, neste estudo, o conceito de Educação Permanente é de extrema relevância, haja vista a importância deste na filosofia e princípios dos programas intergeracionais da Universidade Federal do Paraná, foco deste estudo.

Segundo Silva (*in* BRANDÃO *et al.*, 2003, p.32), a educação permanente ou continuada compreende:

Um conjunto de modalidades de trabalho social, sendo as práticas sociais e educativas excelentes meios para formar membros da comunidade, para aquisição de atitudes sociais e desenvolvimento de práticas no âmbito do exercício da cidadania.

Para esta autora, o exercício da cidadania jamais acaba, e o indivíduo que ingressa na fase criadora do saber contribui na conservação de dados acumulados e na crítica para substituição desse saber por algo novo no desenvolvimento e na cultura. Encontrando suporte nas palavras desta autora, este conceito fortalece a concepção de homem historicamente produtivo.

A educação é histórica, na concepção de Silva (*in* BRANDÃO *et al.*, 2003), porque é um processo de formação do homem e da mulher para o novo, através do trabalho de auto-consciência, buscando o desenvolvimento de sua existência. De acordo com esta autora, a educação sempre foi possível em todos os momentos da história, porém, a efetividade desta está intimamente relacionada com a participação dos envolvidos.

Nas reflexões de Silva (*in* BRANDÃO *et al.*, 2003) acerca da sociedade que continuamente socializa seus membros, valores, conhecimentos, atitudes e experiências, a relação intergeracional ocorre neste movimento para a sobrevivência do grupo humano.

2.6 COMPARTILHAMENTO DE EMOÇÕES

Reconhece-se que a afetividade tem um papel relevante na construção do conhecimento social, na formação da consciência, nas diferentes formas de participação na sociedade, na dinâmica dos conflitos sociais, enfim, em toda a atividade humana. Para se estudar o compartilhamento de emoções faz-se necessário definir o que é emoção. Segundo Camargo (1997, p.21), emoção é “como um sistema motivacional maior, que pode ser definido como reação de um sistema orgânico total, com componentes de representação, expressão e motórico-fisiológico”. Tratando deste tema, Heller (1993) afirma que o ser humano, em toda sua existência individual, desenvolve-se de forma única, dentro de um universo essencialmente social. É assim que esta relação com o mundo desdobrar-se-á nos processos de apropriação, objetivação e expressão de si mesmo correspondentes ao agir, pensar e sentir, que caracterizam todas as manifestações da vida humana.

Quando Rimé (1993) fala sobre a partilha social das emoções na Psicologia Social, seu conceito favorece a aproximação cognitiva dos fenômenos sociais, que envolve questões como o preconceito, as representações sociais, as atitudes, a persuasão, a comunicação e mesmo a agressividade, freqüentemente consideradas na contemporaneidade como abstrações do tipo conceitual que se instalam nos indivíduos no decurso de interações com os seus semelhantes. Segundo ele, todos os universos transpiram a racionalidade dentro dessa sociedade; assim, a vida econômica aparece, *a priori*, como uma atividade pela qual é assegurada a gestão racional dos bens materiais a serem produzidos ou trocados. A alegria, a surpresa, o medo, a cólera, a tristeza são elementos que alimentam a vida emocional do cidadão. Artes, cinema, manifestações ou desfiles de protestos, paradas patrióticas, desfiles folclóricos, acontecimentos e/ou ritos religiosos, aglomerações de jovens no fervor musical, acontecimentos esportivos, circos, feiras, parques de diversões e outros inúmeros ritos sociais têm como função despertar e garantir a evocação e a partilha das emoções dos indivíduos e de assegurar sua participação social.

Assim, a observação das relações cotidianas entre indivíduos revela com evidência que mesmo onde essas relações se desenrolam sobre um plano estritamente funcional, a dimensão emocional dificilmente deixará de eclodir, de se

impor, e de manifestar sua propensão para invadir a situação social. A vida nas instituições e nas organizações humanas ilustra constantemente esse fato, e o universo da comunicação interpessoal é outro exemplo. Sem que os indivíduos tenham consciência clara do fato, uma proporção considerável, em suas conversas cotidianas afetivas, se encontram confrontadas, e são, ou foram, objetos de tensões ou traumatismos (RIMÉ, 1993).

As relações intergeracionais do Programa de Participação Permanente e Programa de Extensão Integrar da UFPR serão observadas considerando-se a propensão dos indivíduos em reevocar suas experiências emocionais. A verbalização da emoção na ocasião de um encontro com outra pessoa acaba sendo a manifestação mais familiar dessa propensão. Rimé (1993) considera a verbalização necessária, a ponto de que uma grande quantidade de indivíduos seja ocasionalmente e sistematicamente estabelecidas pelo papel de ouvintes quase profissionais. Este autor considera a reevocação da emoção como um esforço de articulação espaço-temporal da experiência emocional.

Quando Ferrigno (2003) fala sobre a construção social das gerações, ele menciona que estas relações se concretizam através do estabelecimento de valores morais e expectativas por meio de conduta para cada geração, em diferentes etapas da história. É importante aqui apontar a definição de geração que norteia o estudo. Segundo Mannheim (1952), geração: "locação ou localização social" se constitui a partir de uma mesma locação de indivíduos em determinado contexto social e dentro de um mesmo processo histórico, não por uma escolha consciente, mas por estar localizado no mesmo pressuposto.

Considerando que as duas gerações, num contexto sócio-histórico atual, são estigmatizadas como "não produtivas" na concepção de um mundo capitalista, cabe categorizar um preconceito para análise no compartilhamento das emoções. Heller (2000) define preconceito como uma categoria de pensamento e do comportamento cotidiano. Eles sempre desempenharam uma função importante nas esferas que por sua universalidade, encontram-se acima da vida do dia-a-dia, mas não procedem essencialmente delas, tampouco aumentam a sua eficácia. Pelo contrário, o preconceito diminui e torna-se um obstáculo ao aproveitamento das possibilidades que estas esferas comportam.

E quando se estuda o preconceito enfrenta-se a exclusão, que é um tema da atualidade como afirma Sawaia (1999). A exclusão, segundo esta autora (p. 9)

É um processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É um processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é um processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatido como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema.

A dialética inclusão/exclusão gesta subjetividades específicas, afirma Sawaia (1999), permitindo que o sujeito sinta-se incluído até sentir-se discriminado ou revoltado. Essas subjetivações não são explicadas pela determinação econômica, elas são determinantes e determinadas por formas diferenciadas de legitimação social e individual, e manifestam-se no dia-a-dia como identidade, sociabilidade, afetividade, consciência e inconsciência. No pensamento desta autora, a sociedade exclui para incluir e este processo de transformação é a condição da ordem social desigual:

Todos estamos inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo que a grande maioria da humanidade inserida através da insuficiência e das privações, que se desdobram para fora do econômico (SAWAIA, 1999, p. 8).

2.7 A UNIVERSIDADE E OS PROJETOS DE EXTENSÃO PARA APOSENTADOS E APOSENTANDOS

Numa tendência mundial, o Brasil inclui-se entre os países que apresentam um significativo aumento da população idosa, como resultado do aumento da expectativa de vida e da queda da natalidade, conforme apontam os últimos dados do IBGE (2000). O aumento expressivo desse segmento etário exige que sejam adotadas propostas políticas que permitam a manutenção da qualidade de vida do nascimento à morte, como aponta Silva (*in* BRANDÃO *et al.*, 2003), possibilitando ainda com que a fase da velhice seja vivida com dignidade.

Em qualquer tempo, a busca pelo conhecimento e o processo educacional propicia ao ser humano, segundo Silva (*in* BRANDÃO *et al.*, 2003) seu

desenvolvimento pessoal e sua valorização social. A autora refere ainda que proporcionar o acesso à educação permanente ao indivíduo, em qualquer idade, é uma atitude democrática e inteligente. Programas voltados para esta parcela da população têm sido criados, como o SESC de São Paulo que iniciou há 40 anos, segundo Ferrigno (2003), o primeiro grupo de convivência de idosos no Brasil.

Silva (2003) afirma que é mais recente, nas universidades brasileiras, a criação de programas que oportunizam o acesso ou o retorno do aposentado e aposentando a estas instituições, citando como exemplo a Pontifícia Universidade Católica do Paraná-PUC/PR, que teve início em 1998, e os programas da Universidade Federal do Paraná, criados em 1995, cuja história, princípios e projetos serão apresentados a seguir, considerando-se que as relações intergeracionais que ocorrem nesta instituição são foco deste estudo.

2.7.1 Programa de Participação Permanente

A realidade nas universidades brasileiras evidencia um número elevado de aposentados e aposentandos e já há duas décadas são apresentadas propostas de mudanças, nesse sentido, na política do Governo Federal, que, porém, não têm recebido a atenção devida. Considerando que essa categoria deveria ser mais valorizada, a UFPR criou um espaço que pudesse facilitar a integração dentro destas novas circunstâncias. Com o intuito de oferecer possibilidades de desenvolvimento e de atuação na comunidade acadêmica, a Pró-Reitoria de Recursos Humanos e Assuntos Estudantis da Universidade Federal do Paraná propôs a criação do Programa de Participação Permanente (PPP). A proposta foi aprovada pela Resolução n.º 68/91, do Conselho de Ensino e Pesquisa (CEPE), e a ele foi articulado o Programa do Professor Sênior e do Técnico Sênior. Em maio de 1995, este programa foi reformulado com o estabelecimento de normas.

O PPP desenvolveu-se até o início deste ano através de sub-programas e cursos, abordando temas atuais e diversificados do mundo contemporâneo, nas áreas de saúde, política, economia, psicologia e sociologia, dirigido aos aposentados e aposentandos da UFPR e da comunidade de Curitiba.

Os princípios, critérios e procedimentos adotados pelo Programa de Participação Permanente são assim descritos (PRHAE. 1997):

O Programa de Participação Permanente – PPP entende que os aposentados e os aposentandos da UFPR representam o próprio patrimônio da Instituição, pela contribuição administrativa, científica, acadêmica e histórica. Nesse entendimento, o programa formulou diretrizes que propiciaram oportunidades para que esse potencial continue sendo valorizado no contexto social e cultural.

Concordando que a maioridade e a aposentadoria são eventos marcantes e delicados da vida do cidadão, principalmente no aspecto econômico e produtivo, o PPP entende que uma transição saudável garante qualidade de vida no processo do envelhecer humano, não depende somente de uma vontade individual, mas cabe também aos responsáveis pelas políticas de gestão de recursos humanos das universidades, das empresas e da sociedade como um todo em assumir iniciativas nesse sentido.

Estudos na área da Gerontologia apontam que um programa institucional de preparação, reflexão e realização dos aposentados e aposentandos deve ter sua essência na chegada bem sucedida à maturidade, tanto no aspecto profissional, quanto no pessoal e social. Na criação do PPP, a expectativa dos idealizadores foi e continua sendo que estes permanecem na universidade e também na sociedade, percebem o quanto os aposentados e aposentandos podem contribuir com seus acervos de conhecimento, de experiências e histórias de vida para a construção das novas gerações.

Com esta perspectiva, o Programa de Participação Permanente da Universidade Federal do Paraná - P.P.P - fundamenta-se nos seguintes pressupostos (UFPR, 1994):

- a universidade, por sua natureza e potencialidade, constitui-se em espaço privilegiado para o intercâmbio, para a troca de experiências, para a interdisciplinaridade e para o exercício da cidadania, interagindo a instituição e os órgãos da sociedade política e da sociedade civil que estejam voltados para as questões sociais econômicas;

- as questões pertencem a aposentandos e aposentados e à maioridade que, longe de se constituírem em um universo separado, estão inseridas na totalidade histórico-social e na expressão de suas determinações e contradições;

- a situação dos aposentados, na realidade brasileira, é a manifestação aguda de problemas acumulados ao longo de suas vidas, que vão da exploração da

força de trabalho à discriminação social, política e econômica, após se tornarem economicamente improdutivos;

- as políticas sociais correspondem ao *locus* privilegiado para a constituição de uma forma de cidadania que não permita ao homem a expropriação gradativa que culmina na aposentadoria;

- a política da aposentadoria estabelece uma perspectiva social em que o trabalhador, depois de determinada idade ou tempo de serviço, é considerado inabilitado para a função, devendo afastar-se de suas atividades. Essa mesma política lhe dá como garantia uma renda permanente a fim de manter o nível de vida e supri-lo em suas necessidades. Essa é uma realidade assimilada por todos e almejada por muitos.

Tendo seus pressupostos definidos, o Programa de Participação Permanente estabeleceu os seguintes objetivos, segundo o documento já referenciado:

- possibilitar a utilização da experiência acumulada pelos servidores aposentados da UFPR, nas diversas atividades de gestão universitária, ensino, pesquisa e extensão;

- oferecer espaço para a reflexão e troca de experiências sobre as novas condições de vida, mudanças de papéis, perspectivas e adequação à aposentadoria;

- propiciar condições de aproveitamento das possibilidades e expectativas dos aposentados, através de sua integração com as atividades voluntárias, tanto na própria universidade, como na sociedade em geral;

- conscientizar os atuais servidores da necessidade de planejamento, adequando a aposentadoria, numa ação de natureza mais preventiva.

A gerência do programa foi de responsabilidade da PRHAE até o mês de Fevereiro de 2004, através da Coordenação de Assuntos Comunitários – Unidade de Assuntos do Servidor, sendo que a Coordenação, o acompanhamento e as propostas de áreas de ação, bem como a execução e a realização de estudos e pesquisas é da competência da Comissão do Programa de Participação Permanente, com o necessário apoio administrativo, da Pró-Reitoria de Extensão Comunitária –PROEC.

A operacionalização do PPP ocorre por meio de projetos específicos,

oferecendo cursos, excursões, palestras, viagens culturais, etc., com o objetivo de atender aos interesses das diversas unidades da comunidade externa e interna da universidade, sendo gerenciados de forma descentralizada pela unidade proponente.

As determinações legais proíbem o trabalho gratuito e a continuidade do exercício do cargo após a aposentadoria. Assim, foram definidas as seguintes diretrizes (PRHAE, 1997):

- Os exercícios das ações se darão em caráter eventual, descontinuado e temporário, de modo a não se caracterizar como emprego;
- A participação do Programa, pela sua própria natureza, será diversificada podendo ocorrer em qualquer área do conhecimento, unidade ou projeto, independente do cargo ou lotação anteriormente exercidos, desde que configure o interesse e a aceitação das partes envolvidas – unidade proponente da ação e clientela;
- A participação no Programa tem caráter voluntário não remunerado, ou seja, a adesão ao mesmo será efetivada mediante única e exclusiva opção pessoal do professor ou do servidor aposentado, a partir de sua concordância com as diretrizes;
- A participação no Programa não prevê nenhum tipo de remuneração.

2.8 PROGRAMAS DA UFPR

2.8.1 Os projetos do PPP (1995 – 2004)

O PPP vem sendo desenvolvido através de sub-programas que pretendem promover de forma institucionalizada e responsável a articulação e promoção de ações, de cadastramento, aprovação e acompanhamento de projetos, avaliação contínua e reformulação de suas propostas, enquanto totalidade. Dentre as ações de educação permanente estão o Sub-Programa Integrar e Cursos de Atualização, como palestras e discussões sobre Problemas do Mundo Contemporâneo,

abordando temas atuais e diversificados, nas áreas de saúde, política, economia, psicologia, meio ambiente e sobre o social, dirigido aos aposentados e aposentados da UFPR e extensivo à comunidade de Curitiba.

2.8.1.1 O Projeto Integrar

Em 1999 foi criado, pelo Departamento de Psicologia, o Projeto de Extensão “Terceira Idade na Universidade”. Em 2000, o Projeto então renomeado “Integrar: criando um espaço para o desenvolvimento humano” apresentou um crescimento tanto de construções práticas quanto teóricas. Em 2001, foi ampliado e reformulado, passando a se denominar “Programa de Extensão Integrar: uma proposta para a terceira idade”; ampliou as parcerias com as sub-áreas da psicologia e com outras áreas da UFPR, e também com profissionais externos à UFPR que, interessados no trabalho, desenvolveram atividades de forma voluntária, o que tem se caracterizado como um processo de crescimento sistemático (BULGAKOV, 2004)

O Programa de Extensão “Integrar: uma proposta para a terceira idade”, desenvolvido pelo Departamento de Psicologia do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, é coordenado por uma Docente Doutora do Departamento de Psicologia, contando com uma pesquisadora Docente Doutora do mesmo departamento, 5 estagiários bolsistas e 8 estagiários voluntários. As atividades são realizadas no Prédio da Praça Santos Andrade, andar térreo, sala da Terceira Idade.

O Programa de Extensão Integrar está voltado para o desenvolvimento, emancipação e reinserção do idoso na sociedade. Tem como fundamentação teórica a concepção histórico- social do homem, acreditando que o indivíduo permanece em desenvolvimento durante toda a etapa de sua vida, estando apto a adquirir novos conhecimentos, habilidades e capacidades. O Programa visa promover condições de desenvolvimento de criatividade e crescimento pessoal, com a perspectiva de recriação, e propiciar um significado para a identidade do idoso, negada pela estrutura atual do trabalho em nossa sociedade (BULGAKOV, 2004)

O programa aplica uma metodologia participativa onde alunos da graduação, bolsistas e voluntários de extensão, bem como voluntários da comunidade,

planejam, executam e avaliam as atividades diversas que compõem o programa. O programa consiste em um conjunto de sub-projetos que integram, em nível de informação, sensibilização e desenvolvimento de habilidades, áreas multidisciplinares (psicologia, educação, artes, sociologia, economia, etc) (*op cit*).

O Programa, ao assumir uma concepção histórico social do homem, um homem que é construído e que se constrói nas suas relações e nas suas atividades, tem como objetivos (BULGAKOV, 2004):

- promover condições de re-construção da cidadania, de construção de sua autonomia, de construção e administração de um projeto de vida;
- garantir condições, espaço, instrumentos que possibilitem sua expressão, sua identidade em todas as suas dimensões: psicológica, social, biológica, política, artística, dentre outras;
- dar subsídios para o desenvolvimento de uma política para o idoso na UFPR.
- enriquecer nossa cultura acadêmica, científica pela construção das questões do envelhecimento humano em uma perspectiva historico-social.

Este programa de extensão tem como pressupostos:

- constituir-se em uma perspectiva integrada do ensino-pesquisa e extensão que reflita a concepção de ciência como um questionar com rigor, na acepção precisa de uma atitude sistemática e cotidiana (DEMO, 2000, p.17), a discutibilidade como critério principal de cientificidade, como interpreta Habermas (1998), bem como a verdade como uma pretensão de validade, impondo-se o diálogo crítico e irrestrito;
- constituir-se em uma perspectiva intra/interdisciplinar que reflita a perspectiva histórica social, ética, política e estética do desenvolvimento e existência humana;
- o rompimento da dicotomia teoria-prática;
- o conhecimento como fator primordial de inovação aliado inexoravelmente à intervenção responsável, crítica e criativa.

Segundo dados de Palhares (2003), estavam inscritos no Projeto Integrar 119 sujeitos, em sua maioria professores aposentados da UFPR, sendo 99 mulheres e 20 homens, com predominância das classes média baixa e média alta, distribuídos

como mostra o quadro a seguir:

QUADRO 1: DISTRIBUIÇÃO DOS PARTICIPANTES DO PROJETO INTEGRAR POR FAIXA ETÁRIA

Idade	Número de participantes
Menos de 45 anos	2
Entre 46 e 50	4
Entre 51 e 55	13
Entre 56 e 60	15
Entre 61 e 65	16
Entre 66 e 70	36
Entre 71 e 75	18
Entre 76 e 80	10
Mais que 81 anos	5
Total	119

Fonte: PALHARES, 2003.

As atividades do Programa de Participação Permanente são apresentadas no Anexo 3. Apresenta-se também, no Anexo 4, uma relação de alguns dos cronogramas das atividades propostas pelo Programa Integrar desde sua criação. As atividades mais sugeridas pelos entrevistados em pesquisa realizada por Palhares (2003), foram: informática, ginástica (em especial alongamento), viagens e palestras sobre assuntos da atualidade. Relativamente às atividades de promoção de autoconhecimento e autodesenvolvimento, as mais citadas foram Biodança, Musicoterapia e Memória.

QUADRO 2: PARTICIPANTES DO PROJETO INTEGRAR POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE

Nível de escolaridade	Número de participantes
Analfabeto	2
1º grau incompleto	11
1º grau completo	20
2º grau incompleto	6
2º grau completo	37
3º grau incompleto	2
3º grau completo	41
Total	119

Fonte: PALHARES, 2003.

6 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Do ponto de vista metodológico, optou-se, neste estudo, pela pesquisa qualitativa, considerada relevante por ser uma modalidade que visa mostrar a complexidade, as contradições de um fenômeno, a imprevisibilidade e a originalidade criadora das relações interpessoais e sociais entre atores sociais.

Parte-se do fundamento de que há uma relação dinâmica, uma interdependência viva, um vínculo indissociável entre o sujeito e o objeto; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento que, interpretando os fenômenos, atribui-lhes significado.

Em relação às orientações filosóficas, a dialética afirma a relação com a abordagem qualitativa, valorizando contradições entre os fatos observados e a atividade criadora do sujeito que observa. O pesquisador é, então, um ativo descobridor de ações e relações que se ocultam nas estruturas sociais (CHIZZOTTI & BRANDÃO, 1999; BECKER, 1999).

Ancorando-se nesta proposição, esta pesquisa buscou, através das técnicas de observação participante, registro em diários de campo e através de entrevistas, compreender como se dão as inter-relações entre gerações e, ainda, se estas ocorrerem, como se estabelecem as redefinições de identidades de todos os envolvidos.

Os indivíduos participantes da pesquisa foram jovens acadêmicos (fora do mercado de trabalho) e adultos (aposentados) que fazem parte das atividades intergeracionais do Programa de Participação Permanente e do Projeto Integrar da UFPR.

Optou-se pela observação participante, por ter como característica principal a estreita relação do pesquisador com as pessoas envolvidas na pesquisa, numa relação mútua de aprendizado e ação em todas as etapas do processo. Trata-se, então, de um ato criativo, servindo como momento comum de descoberta de uma realidade, co-participado entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa.

Para melhor entendimento da intencionalidade da pesquisa, tomou-se de empréstimo o conceito de realidade objetiva de Luckács (1997), que a define como um todo coerente, de modo que cada elemento está em relação com outro, de uma

maneira ou de outra; que estas relações formam conjuntos ligados entre si de maneiras complementares diversas, mas sempre determinadas.

Nessa coerência foi paulatinamente aprofundado o marco teórico das seguintes categorias: Homem, Sociedade, Atividade Humana, Identidade, Compartilhamento de Emoções, Aprendizagem, Construção de Significados, Educação Permanente e os programas da Universidade Federal do Paraná voltados para a relação intergeracional, apoiado no referencial de Habermas (1988), Leontiev (1978), Ciampa (1993), Heller (1993,2000), Mannheim (1952) Bonin (1999), Sawaia (2001), Rime (1993), Knechtel (2001), Freire (1996), Vigotsky (2000) e outros. Os referidos autores serviram de apoio para a reconstrução de conhecimento social e historicamente articulados, de maneira a possibilitar a tomada de consciência de como ocorrem as relações entre gerações de pessoas em diferentes faixas etárias.

Para fundamentação da pesquisa de campo foram realizadas 4 observações no período de dezembro de 2002 a dezembro de 2003, que ocorreram em festas de confraternização do Programa Integrar. Com prévia autorização dos participantes, as apresentações das atividades foram filmadas. Em duas confraternizações foram realizadas apresentações dos idosos que participaram no Programa, além da apresentação de relatos dos sujeitos e dos coordenadores de projetos sobre o processo das atividades e dos resultados observados.

As atividades apresentadas foram: Musicoterapia, Biodança, Grupo da Memória, Artecrescimento, Jornal Terceiro Momento, A Escola da Informática e da Cidadania, entre outras. A convite do grupo de acadêmicas do curso de Psicologia, da orientadora desta pesquisa e coordenadora do Programa Integrar, em Dezembro de 2002, e com a devida autorização dos participantes, a festividade de encerramento de ano das atividades do Programa Integrar foi filmada, servindo também como campo de observação para a pesquisadora. Neste evento, a participação dos adultos aposentados e das jovens acadêmicas foi percebida e registrada nesta pesquisa, assim como a forma da participação dos sujeitos que integram o programa. Cada grupo presente teve a oportunidade de apresentar sua produção: Grupo da Memória, com resgate de brincadeiras e cantigas infantis; Biodança, com movimentos e expressões corporais; Musicoterapia, com exercícios vocais e canto, Artecrescimento, com atividades artísticas – expressivas envolvendo

poesia e pintura, entre outras. Ao final da festividade foi feita uma confraternização, com a preparação de um lanche pelas acadêmicas, abrindo-se, assim, um espaço para a troca de experiências, idéias e relações entre os jovens acadêmicos e os adultos aposentados.

Outra observação e registro de campo ocorreram na Escola de Informática e Cidadania, em 02 de dezembro de 2003. Foram observados 10 alunos assistidos por duas monitoras, ex-alunas desta mesma atividade, e duas instrutoras, acadêmicas do curso de Psicologia, supervisionadas por uma docente da área pertinente da UFPR.

6.1 DESCRIÇÕES E OBSERVAÇÕES

Com duração de quatro horas – das 08:00 às 12:00 horas - as monitoras e instrutoras assistem os alunos nas tarefas no computador, com o auxílio de uma apostila orienta todas as etapas da aprendizagem. Esta é uma atividade com duração de seis meses exige freqüência de 75% para que o aluno receba o certificado.

Instrutoras e monitoras tem um intervalo para bate-papo com cafezinho por aproximadamente 20 minutos, uma pausa com exercícios de alongamento realizados com uma acadêmica de Fisioterapia e ainda outro intervalo para uma discussão sobre cidadania, cuja temática é selecionada pelos próprios alunos. No dia de observação, a discussão proposta foi sobre a necessidade de divulgar os serviços oferecidos para idosos na cidade de Curitiba. Foi sugerido, então, a elaboração de uma listagem de atividades do programa no computador, de maneira que cada participante a levasse consigo com o objetivo de divulgar as propostas para os conhecidos. A seguir, foram discutidos temas acerca da denominação “terceira idade”, do preconceito e da incoerência deste título com relação às etapas desenvolvimento humano.

A segunda atividade observada, em 05 de Dezembro de 2003, denominada “Beleza e Envelhecimento”, foi coordenada por uma mestranda de Psicologia da Infância e da Adolescência da UFPR. Contou com a participação de dois

acadêmicos de graduação do Curso de Psicologia, também da UFPR e mais 8 participantes do Programa Integrar. A atividade teve uma duração de cerca de 3 horas e tinha como proposta discutir sobre a beleza no processo de envelhecer.

A coordenadora da atividade solicitou a participação dos acadêmicos do curso de Psicologia da UFPR na apresentação de um vídeo, por eles elaborado, sobre a falta de cuidado do espaço público e a interferência na beleza do patrimônio da Universidade. O belo, o antigo, o sujo, o feio, o descuido, o compromisso, a responsabilidade foram algumas das temáticas que permearam o diálogo entre jovens acadêmicos e participantes, que constituiu-se em um momento importante para reflexão e discussão desta temática, finalizando com um repensar de novos hábitos a serem (re)introduzidos no cotidiano.

A seguir, foram apresentadas poesias declamadas pelos participantes e um vídeo com o título “Filtro Solar”, que permitiram discussões acerca do processo de envelhecer e o significado do envelhecimento na vida de cada um. Foi enfatizado sobre a variedade de recursos disponíveis, hoje, para se viver com qualidade em todas etapas da existência humana. Os registros destas observações foram realizados logo a seguir aos fatos, e o seu conteúdo pode ser visto no capítulo: INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE: análise de discurso e observações.

Outro procedimento utilizado no desenvolvimento da pesquisa foi a entrevista semi-estruturada, conforme consta do Anexo 1, que caracterizou-se, basicamente, pelo diálogo estabelecido com jovens e adultos aposentados participantes do Programa Integrar, e que teve por objetivo obter informações a respeito da temática deste estudo.

Foram realizadas 12 entrevistas, sendo 6 com jovens acadêmicos do curso de Psicologia que participam de atividades do Programa de Participação Permanente e Programa Integrar, todos eles fora do mercado de trabalho.; cinco entrevistas com adultos aposentados, e uma participante que também monitora o grupo. Considerando que o idoso no Brasil é aquele com idade igual ou superior a 60 anos, definiu-se neste estudo adotar a denominação de adulto aposentado para todos os entrevistados a partir dos 57 anos.

A seleção e o agendamento de entrevistas foram feitos na Escola de Informática e Cidadania, a partir da frequência e participação no Programa e de

informações complementares obtidas com as instrutoras das atividades.

Inicialmente, para seleção dos adultos aposentados, estes foram contatados durante as atividades do Projeto Integrar no mês de fevereiro e março 2004. Alguns participam da Escola de Informática e Cidadania como monitores ou como alunos, outros participam da Escola de Línguas da UFPR, e outros ainda participam simultaneamente de outras atividades do Programa, como Musicoterapia e do Jornal Terceiro Momento. Duas entrevistadas já participaram das atividades do Programa de Participação Permanente desde sua criação, porém agora desconhecem a razão da ausência das programações, no momento, uma vez que este foi transferido para outra Pró-Reitoria. Cada entrevista durou entre 40 a 60 minutos e foram realizadas no período de março e abril de 2004.

Uma jovem acadêmica foi entrevistada no próprio domicílio e as demais na sala do Programa Integrar na UFPR. Cabe mencionar que das jovens entrevistadas 2 moram sozinhas em Curitiba e suas famílias moram no interior do Paraná; duas são irmãs e moram com a mãe e as outras duas moram com os pais nesta cidade. Com relação ao grau de formação, todas são acadêmicas, sendo que uma está cursando Fisioterapia em uma universidade particular e as outras cursam Psicologia na Universidade Federal do Paraná, entre o 3º ao 4º ano de graduação. No processo de seleção das entrevistadas, a busca preferencial foi por jovens distantes do mercado de trabalho, porém todas elas realizam estágio supervisionado em outras áreas de atuação, como parte de sua formação acadêmica.

Os adultos aposentados foram entrevistados em suas respectivas casas, sendo que duas entrevistas ocorreram num mesmo domicílio por tratar-se de um casal, cujo relacionamento iniciou-se durante as atividades do Programa de Extensão Integrar.

A pesquisadora foi recebida calorosamente por todos os entrevistados, salientando-se também a disponibilidade e o comprometimento de todos os jovens acadêmicos e adultos aposentados em responder às questões.

É interessante mencionar que durante o processo de agendamento das entrevistas, os adultos aposentados apresentaram muito mais compromissos que os jovens acadêmicos, sendo necessário organizar mais de uma vez suas agendas para encaixar um horário para a entrevista. As entrevistas foram realizadas

pessoalmente pela pesquisadora, sendo gravadas com a permissão dos entrevistados, após o que foram transcritas e analisadas.

O propósito das entrevistas foi o de buscar identificação de categorias de pensamento, incoerências e contradições no interior de cada discurso singular de cada jovem acadêmico e adulto aposentado. Na confrontação entre os diferentes discursos de cada participante da pesquisa, levou-se em consideração os seguintes princípios (MINAYO, 2000): objetividade, trabalhando somente fenômenos da realidade; historicidade, recorrendo ao momento presente sem esquecer os condicionantes históricos que lhe deram origem, buscando verificar movimentos do objeto em estudo e identificar o momento de transformação do velho se pronunciando como novo. Para operacionalizar a interpretação das respostas obtidas optou-se pela proposta hermenêutica-dialética de interpretação de texto de Minayo (2000). Este procedimento busca unir a crítica teórica com uma proposta prática de análise de material qualitativo, que possa ultrapassar os níveis aparentes para a compreensão mais profunda dos significados. Neste sentido, a autora refere às tarefas exploratórias:

- Marco teórico fundamental de análise: o contexto sócio-histórico do grupo social, isto é, toma como centro a prática social, o ato humano no plano da totalidade enquanto realidade objetiva contraditória, dinâmica, inacabada e em permanente projeção. Neste aspecto o contexto está descrito nas referências feitas ao Programa de Participação Permanente e Programa Integrar, localizados no capítulo que precede a metodologia.

- Análise do material escrito: submeter o material a processo técnico de análise dos signos - palavras e expressões - orientadas pela certeza das contradições que ali se ocultam. A operacionalização desta fase, para os registros de diário de campo e de entrevistas, englobou: a ordenação de dados das entrevistas, incluindo releituras e o início de uma classificação; classificação dos dados do ponto de vista dialético tendo como base os pressupostos teóricos já descritos e outros que foram sendo acrescentados.

Fez-se a leitura exaustiva do material transcrito buscando aprender as idéias centrais e estabelecer categorias empíricas, as quais constituíram-se em um todo chamado "corpus". A seguir, realizou-se a leitura transversal para retirada de

unidades de registros, a fim de compor os temas preliminares. Após a classificação de temas mais relevantes que emergiram das bases teóricas ou evidência de dados, formaram-se reagrupamentos em torno de categorias centrais numa lógica unificadora apresentada e analisada no capítulo: INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE: análise do discurso e observações.

Cabe aqui enfatizar que tais etapas não foram estanques no percurso da investigação, mas interpenetraram-se e ocorreram de forma simultânea, continuamente, reordenando-se, em respeito ao ritmo e a cadência das entrevistas e do pesquisador.

6.2 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Antes de apresentar e descrever os dados obtidos no estudo, vale destacar alguns princípios que nortearam eticamente a pesquisa, buscando-se em Borba (1999) os subsídios para fundamentá-los:

- autenticidade e compromisso. Nesse estudo buscou-se estar atento às situações e discursos dos jovens acadêmicos e adultos aposentados; a disponibilidade foi constante para se poder ouvir no tempo e no espaço cada um dos participantes da pesquisa;

- antidogmatismo. Evitou-se idéias pré-concebidas. Ao longo da pesquisa procurou-se estar atenta quanto ao potencial criativo de cada sujeito envolvido, independente de seu contexto histórico e social, acreditando na possibilidade de superação de seus obstáculos.

Compreende-se a noção de que cultura é dinâmica, o que requer respeito a algumas regras específicas, quais sejam, para esse estudo:

- comunicação diferencial, ou seja, a utilização de linguagem adequada e adaptada de acordo com o nível de desenvolvimento educacional dos jovens acadêmicos e dos adultos aposentados.

- simplicidade de comunicação ou linguagem acessível. Levou-se em consideração também uma ciência modesta e técnicas dialogais pela necessidade de ser humilde para aprender a aprender; romper com assimetrias nas relações

sociais e incorporar as pessoas como homens e mulheres ativos e pensantes.

Considerando estes princípios, foi dada inteira liberdade para que as pessoas pudessem participar da pesquisa, garantido o sigilo das informações, bem como das suas identidades, conforme descrito no TERMO DE CONSENTIMENTO (Anexo 2). Houve grande receptividade aos convites dirigidos, sendo possível recolher informação suficiente para as análises aqui descritas.

6.3 INSERÇÃO DO PESQUISADOR NO GRUPO

O processo de aproximação com os jovens acadêmicos e adultos aposentados teve início em setembro de 2002, quando a professora da Disciplina de Metodologia Científica do Curso de Mestrado de Psicologia da Infância e da Adolescência e Coordenadora do Programa de Participação Permanente convidou a pesquisadora para assistir a uma palestra coerente com o possível tema de pesquisa. Tratava-se sobre O Homem e a Mulher Historicamente Produtivos, palestra proferida pelo Professor Dr. Lauro Wittman, da Universidade de Blumenau/SC. Jovens acadêmicos e adultos aposentados faziam parte da audiência.

Também, neste mesmo período, surgiu a oportunidade de visitar o Programa Integrar e conhecer o grupo de jovens acadêmicas do Curso de Psicologia que administravam o Programa Integrar. Num destes encontros, esta pesquisadora foi convidada a apresentar um seminário sobre o Processo do Envelhecimento Humano, como parte da programação do grupo de pesquisa acadêmico.

Vale mencionar ainda que a sala do Programa Integrar estava localizada no mesmo andar da sala de aula do curso de Mestrado, o que acabou facilitando as constantes visitas da pesquisadora ao local. Durante as visitas ao Programa e com a aproximação das jovens acadêmicas, passaram a ocorrer trocas de informações sobre o programa e sobre a população que o frequenta.

Outra aproximação ocorreu em setembro de 2003, quando esta pesquisadora foi convidada para ministrar palestra no Programa de Participação Permanente com enfoque: “Do Corpo nas Atividades do Cotidiano”. O objetivo desta

apresentação foi promover uma análise e reflexão sobre os movimentos corporais nas diferentes tarefas do dia-a-dia, favorecendo a conscientização da percepção corporal e do uso das alavancas corporais para o desempenho das atividades de vida diária, de trabalho e de lazer. Com formação em Terapia Ocupacional, esta pesquisadora discorreu sobre atividades de vida diária, atividades de auto-cuidado e de auto-manutenção. As atividades de trabalho compreendem a administração da casa, do trabalho remunerado ou não, e as atividades de lazer como a leitura, o passeio, o ócio entre outras. Nesta programação, houve a oportunidade de conhecer os participantes do Programa de Participação Permanente; o que despertou o interesse da pesquisadora em detectar como acontece a relação entre os jovens acadêmicos que acompanham e do grupo de adultos aposentados que participam do programa.

6.4 CAPTAÇÃO DA REALIDADE OBJETIVA

O local do estudo, conforme já apresentado no referencial teórico, foram os espaços da Universidade Federal do Paraná onde é realizado o Programa de Participação Permanente, criado em 1991, e articulados a este Programa, o Projeto Professor Sênior e o Projeto de Extensão Integrar, criado em 1999, e que encontra-se articulado ao Curso de Psicologia.

Para melhor entendimento dos programas, tal como já analisado no Capítulo 5, foram realizadas leituras de diversos documentos das atividades intergeracionais do Programa de Participação Permanente e do Programa de Extensão Integrar – UFPR, destacando-se as seguintes dimensões para análise: informacional, de atitudes, desempenhos ativo e passivo, registrando-se de que maneira os Programas emergiram estas atividades e como foram estas criadas, e se houveram nas vivências construções de novas identidades e projetos de vida.

7 INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE: ANÁLISE DE DISCURSO E OBSERVAÇÕES

Além da análise documental e das observações, a narrativa e a história, de cada jovem acadêmico e adulto aposentado sobre a participação nas atividades intergeracionais dos programas da UFPR, possibilitaram a compreensão do fenômeno das relações intergeracionais. Também através de leitura compreensiva dos doze depoimentos, buscou-se apreender nas falas o experienciar intergeracional. Procurou-se, nas observações das vivências e opiniões de cada um, destacar o que se mostrou sob o olhar da pesquisadora. Procurou-se nos significados atribuídos e revelados pelos jovens e adultos apreender descrições, facetas reveladoras sobre o que é ser jovem acadêmico e o que é ser adulto aposentado no mundo de hoje, as possibilidades e as dificuldades que eles encontram no seu dia-a-dia, e a importância do encontro intergeracional, para o contexto de vida de cada um, como ser humano social e historicamente produtivo.

Das jovens acadêmicas entrevistadas, percebeu-se que todas têm satisfação em participar das atividades do programa e que iniciaram seus trabalhos ali há mais de 6 meses, devido à alguma pesquisa sobre envelhecimento solicitada na graduação, ou ao acaso, como algumas delas referiram: *“encontramos o folder do programa e fomos convidadas a participar na observação das atividades”*; outra acadêmica relata: *“minha participação no programa é devido ao trabalho de conclusão de curso da graduação”*; e ainda uma delas relata: *“aproximei-me deste Programa para vivenciar o conhecimento teórico do processo de envelhecimento com a população em foco”*.

Com relação aos adultos aposentados, todos estão inseridos em alguma atividade do Programa Integrar. Dois deles consideram-se os mais antigos do grupo, mas a maioria está participando há mais de 3 anos; uma das alunas da informática participa há 6 meses.

Nas entrevistas, pode-se perceber, com relação a faixa etária dos entrevistados, que há uma variação entre 57 e 78 anos; portanto, um deles não se enquadra como idoso segundo os critérios da política nacional (IBGE, 2000). Esta adulta mais jovem, durante a entrevista, disse: *“quase todas as pessoas do seu*

convívio são mais velhas e que participar de atividades com pessoas de mais idade acrescenta muito no seu projeto de vida, mas que não tem desejo de viver até os 90 anos por considerar muito tempo de vida”.

Com relação ao grau de instrução, três deles possuem Curso Superior e os outros três cursaram o 1º e o 2º grau. Cabe aqui salientar que apenas um entrevistado foi professor da universidade. Todos os entrevistados, porém, consideraram a **formação para a vida** como a principal aquisição acadêmica. Cinco dos entrevistados estão aposentados profissionalmente há mais de 4 anos, e uma das senhoras entrevistadas, relata: *“ainda não tive o desejo de ser aposentada de muitas funções e não tenho desejo que isso aconteça muito em breve, pois sou dona de casa”*. Foi muito interessante a sua definição sobre sua atividade profissional, pois evidenciou e valorizou sua diferenciação de outras donas de casas que conhece, e salientou ainda que: *“não é por conta da falta de salário que não me qualifico como uma trabalhadora profissional”*.

A análise compreensiva do conteúdo das narrativas dos sujeitos entrevistados revelaram-se, aos olhos desses jovens acadêmicos e adultos aposentados, o que é estar em interação com outros homens e mulheres em diferentes estações da vida através de atividades humanas historicamente produtivas e sociais, com significados e resignificados que se mostram em:

- o contexto intergeracional e o vínculo com a Universidade;
- as relações intergeracionais e a compreensão de atividade produtiva;
- intergerações em processo de re-significações sócio-históricas;
- o movimento de compartilhamento de emoções nas relações intergeracionais.

Estes aspectos evidenciados constituíram-se nas categorias de análise das narrativas, as quais serão apresentadas a seguir.

7.1 ANÁLISE QUALITATIVA: A FALA DOS ENTREVISTADOS

7.1.1 O Contexto Intergeracional e o Vínculo com a Universidade

Pelas observações realizadas, fica evidente que os dois programas possuem uma estrutura organizacional dentro das suas trajetórias, contando sempre, desde seu início, com um coordenador responsável tanto pela representação administrativa como científica na Universidade. Os palestrantes e professores convidados compõem a temática da programação; os acadêmicos do Curso de Psicologia da UFPR atuam como um auxiliar da organização das atividades propostas; e “alunos aposentados”, que são os homens e mulheres historicamente produtivos, vindos do quadro da própria universidade ou da comunidade em geral.

Com relação à estrutura hierárquica, alguns depoimentos expressam esta questão em ambos os programas. As narrativas dos sujeitos revelam:

“...eu sou a instrutora e as monitoras são as idosas que já realizaram esta atividade... elas passam nas reuniões da ONG muito das suas percepções de educação, considerando que algumas delas são professoras aposentadas...”(sujeito 4).

“...a gente coloca a função de coordenador como sendo aquela pessoa que é responsável pela atividade...então eu sou a responsável pelo jornal, logo eu cuido de toda a parte burocrática, eu organizo o calendário de reuniões, chamo as pessoas que vão participar...”(sujeito 6)

“...a coordenadora do PPP precisava de alguém que cuidasse dessas atividades... eu fazia mais a parte de auxiliar a coordenação, como fazer cópias, distribuição da programação, fazer contato, nas viagens eu fazia a contabilidade e preparava os encontros sociais depois das atividades...”(sujeito11)

Atualmente os dois programas enfrentam dificuldades com relação à falta de Professor da Ativa para a Coordenação e falta de recursos humanos. No caso do Programa Integrar, com o afastamento da coordenadora devido à sua aposentadoria em fevereiro deste ano, houveram mudanças na rotina do programa, percebidas e verbalizadas por alguns dos entrevistados, que assim se expressaram:

“... eu notei que as atividades foram poucas na programação deste ano. Em 2002, por exemplo, cada dia tinha uma atividade diferente e houve dias que duas atividades diferentes eram oferecidas, você podia escolher, todas eram boas; já no ano de 2003, no primeiro semestre eu não prestei muita atenção, mas depois eu vi que a coisa ficou bem limitada, não despertou meu interesse pelas atividades propostas... a coordenadora do programa não podia mais estar ali todos os dias e tomar conhecimento, eu acho que as atividades perderam um pouco a qualidade...”(sujeito 9)

Esta entrevistada está inserida no contexto do Programa Integrar há muitos anos, então sua percepção contém a avaliação a comparação do contexto sócio-histórico do programa e o significado para ela desta mudança. É sabido que atualmente o PPP está passando por um processo de transição, sendo sua gestão transferida da Pró-Reitoria de Recursos Humanos para a Pró-Reitoria de Extensão Comunitária. Este processo, ainda indefinido, mantém em funcionamento apenas parte da programação e da realização das atividades do ano de 2004. A seguir uma narrativa de um entrevistado que expressa sua opinião com relação a esta situação.

“...eu não tenho idéia, não sei exatamente o que foi que houve com o Programa de Participação Permanente este ano, eu e outra colega que participávamos lamentamos sobre a ausência de palestras; sempre que nos encontramos, discutimos a expectativa de que logo volte a programação ativa...”(sujeito7).

Novamente percebe-se que a narrativa expressa o quanto é significativo para esta outra entrevistada a participação nas atividades da universidade; porém, a fala vem acompanhada de compartilhamento de incertezas acerca da continuidade do programa. No levantamento do referencial teórico, durante uma entrevista com a coordenadora do Programa de Participação Permanente, foi possível constatar e ouvir da mesma esta incerteza com relação à continuidade das atividades. Foi ainda possível perceber nas duas falas, tanto de quem coordena como de quem participa, o sentimento de perda, que se espera seja temporária, de um espaço que valoriza e contribui para a qualidade de vida do ser humano.

No contexto histórico destes programas fica claro que a programação de atividades conta com a participação dos alunos, como ilustram as seguintes

narrativas:

“...Eu já participava de um outro programa antes do Integrar lá na universidade, acho que tinha o nome de Terceira Idade ou coisa assim, ... eu sou um dos primeiros a participar das atividades da Federal...no início eram atividades boladas pelas próprias pessoas...tinham cursos de manhã e a tarde, a gente podia escolher... no fim quem fazia a programação eram os próprios alunos...”(sujeito3).

“... com o pessoal do Integrar , eu estou coordenando o Jornal do Terceiro Momento, este é um grupo fechado, então nos reunimos ...mesmo que informalmente, a gente segue o que eles estão querendo, eu acho que nesse ponto que está a intergeração , apesar de não ter alguém específico para estar ajudando, todos ouvem bastante a contribuição de cada um...”(sujeito 6).

Na primeira narrativa do adulto aposentado que participa do Programa desde sua criação, há um resgate histórico da participação intergeracional na criação da programação de atividades. Na narrativa da jovem acadêmica que coordena uma das atividades, percebe-se que há a preocupação de que o espaço do programa seja gerenciado por todos que dele participam.

No estudo do histórico dos programas de Programa de Participação Permanente e Programa Integrar da Universidade Federal do Paraná, os idealizadores localizam a universidade como um espaço privilegiado para intercâmbio, para troca de experiências, para a interdisciplinaridade e para o exercício da cidadania. As próximas narrativas ilustram a percepção dos entrevistados acerca deste espaço na universidade:

“...eu sempre achei muito positiva a iniciativa da coordenação do PPP, pois tomava-se sempre muito cuidado em trazer ótimos palestrantes, e então, a gente conheceu assim várias áreas diferentes de conhecimento, pessoas diferentes que mostravam novos ângulos sobre coisas diversas, não ficava num tema bitolado...”(sujeito 7).

“...a proposta do Integrar é reunir pessoas... numa fase do desenvolvimento da vida ... e fazer com que estas pessoas retomem as atividades sem ficar na passividade, porque todos podem construir muito...”(sujeito 1).

“...eu estou aqui quase todos os dias...eu fui conhecendo e fui querendo não sair mais... então de repente eu fui percebendo a importância deles estarem

envolvidos nestas atividades...se você escuta alguém falar parece uma coisa banal, só para ocupar o tempo, e eu fui percebendo que era algo muito mais do que isso..."(sujeito 4).

Na primeira narrativa é possível perceber que, para esta entrevistada, ir até a universidade e participar de uma palestra oportuniza a aprendizagem de novos conhecimentos e a troca de experiências. As jovens acadêmicas expressam a percepção de algo novo no processo de aprender, que as motiva para um verdadeiro processo de busca, de reconstrução, de (re)significação de conhecimento.

Referindo-se aos objetivos dos programas da universidade, tanto no Programa de Participação Permanente como no Projeto Integrar, buscam-se promover condições aos adultos aposentados de (re) construção da cidadania e de sua autonomia. É possível perceber em algumas narrativas que esta percepção já estava presente nos entrevistados antes da aproximação com os programas, porém, foi a participação nas atividades que propiciaram a (re)descoberta de novas oportunidades de viver a vida mais ativamente e vencer os obstáculos na busca da informação, tal como segue:

"...o conhecimento me faz falta e muito, sabe? Eu acho que o ser humano tem muito o que aprender e que ensinar e é por isso que eu nunca paro. Então os filhos vão crescendo vão saindo de casa o tempo vai sobrando e você vai deixando de fazer outras coisas e daí você tem que repor algo no lugar. Nesse ponto eu comecei a repor conhecimentos, agora eu tenho necessidade de conhecimento, porque eu acredito piamente na elevação espiritual e que ela só ocorre através do conhecimento, não importa a área..."(sujeito 9).

"... eu já gostava de fazer poesias... o ano passado eu fui convidada pela coordenadora do programa Integrar para coordenar a poesia na faculdade, este ano ainda não fui chamada para coordenar a atividade, mas eu vou continuar a fazer as minhas poesias..." (sujeito 8).

"... eu brigava muito com o computador, e na minha casa minha filha não tinha paciência para me ensinar, então eu fui participar do Programa Integrar na Escola de Informática e Cidadania... depois que terminou naquela época eram somente 2 horas de aula, e eu tive um problema de saúde durante o curso, eu

aprendi muito pouco e eu queria aprender um pouco mais, então fiquei monitora e estou até hoje...”(sujeito 10).

“... o mundo, para nós, deu uma guinada de 360 graus nos últimos 10 anos. Eu me considero uma analfabeta, nos dias de hoje, ao participar do Programa me aproxima com certeza do mundo, porque hoje eu sei participar da conversa com a turminha da minha casa, meus filhos e netos, eles falavam assim e-mail, delete, e isso e aquilo... então, todo este linguajar da informática era totalmente desconhecido para mim, era uma linguagem que eu não falava, então hoje mesmo não sendo uma expert em informática, eu tenho uma boa compreensão da linguagem atual...” (sujeito 2).

Ainda sobre o contexto intergeracional a narrativa de uma jovem acadêmica reflete sua opinião quando compara a população que frequenta os programas da UFPR, e ainda, onde e como acontece a intergeracionalidade:

“...numa das atividades do Integrar sobre Artecrescimento...a intergeração aconteceu na preparação da atividade...o público de lá do PPP, eu vejo assim, é diferente do público daqui do Integrar...em termos de interesse. Porque eles iam lá só para assistir as palestras, eles recebem o mesmo cronograma que os participantes daqui... agora neste momento a gente tem Biodança, Dança Circular, e eles do PPP não se interessam por esse tipo de atividade, eles querem uma coisa mais intelectual, para obter o conhecimento mesmo, eu acho que o público daqui também tem conhecimento das palestras que aconteciam lá e muito poucos participavam...”(sujeito 11).

Há muitos dados interessantes para serem considerados nesta narrativa, porém, neste momento, cabe salientar, apoiada no resgate histórico dos programas, que dentre os objetivos da criação do PPP, como o de oportunizar o retorno dos docentes e profissionais técnicos aposentados para a instituição da qual eles serviram para continuarem a produzir conhecimento para a comunidade e para si próprios, caracteriza um contexto sócio-histórico e cultural. Um outro objetivo do PPP foi o de aproximar dos programas da universidade pessoas aposentadas e aposentandas da comunidade em geral, acrescentando àquele contexto anterior novas histórias sociais e culturais de homem e mulher historicamente produtivos.

Com relação ao rompimento da dicotomia teórico-prática na formação

da pessoa humana, um dos pressupostos do Programa de Extensão Integrar, há narrativas que exibem a dialética entre a teoria e a prática no cotidiano das relações do programa:

“... eu gosto,... eu sempre gostei desde que entrei na faculdade de aprender, então eu estou sempre correndo atrás, porque eu acho que a gente aprende nessas atividades, na relação com os outros, é na prática também...”(sujeito 1).

“... eu cresço muito, é muito importante para meu crescimento profissional... apesar de que podem pensar que é fácil mostrar o movimento nos exercícios da ginástica laboral, mas para eu chegar a conclusão que este exercício é importante, todo o final de semana eu estudo, eu fico pensando em um novo movimento para eles...”(sujeito 5).

Reconsiderando as informações contidas no referencial teórico acerca dos objetivos das atividades propostas pelos programas em estudo, estes buscam reintegrar o adulto aposentado, uma parcela excluída da comunidade, recriando os espaços da instituição para resgatá-lo enquanto pessoa, enquanto singularidade inscrita num período histórico, com desejos e significações próprias. Em algumas narrativas anteriores esta questão pode também ser observada, e a seguir novas narrativas foram selecionadas, evidenciando esta questão tanto para os jovens acadêmicos como para os adultos aposentados:

“... hoje eu estou envolvida com a Informática, mas acontece que ali junto com a aula nós sempre fazemos exercícios físicos e nós também temos a discussão sobre a cidadania...”(sujeito 7).

“... a atividade Socializando Saberes propõe a oportunidade de sem importar-se com a idade você também aprende...normalmente no Integrar a gente propõe a atividade e eles (adultos aposentados) vem e participam , mas isso é uma forma passiva deles, então esta atividade eles tem oportunidade de estar contando o que eles sabem para os outros, fazendo com que todos assumam uma forma mais ativa...”(sujeito 1).

Quanto à contradição presente do discurso escrito com o discurso oral, por exemplo, durante as duas confraternizações observadas e filmadas a participação dos jovens acadêmicos está sempre como coordenador/professor da atividade e do evento e os adultos aposentados sempre como

aluno/audiência. Nas duas confraternizações de fim de ano, houve apresentações sobre as produções, aprendizados e reflexões sobre as atividades que desempenharam durante o ano. Todas as apresentações destes resultados iniciaram-se sempre com os jovens acadêmicos apresentando a atividade que estava sob sua coordenação, e seus alunos seguiam apresentando o que haviam produzido; ou seja, a produção dos adultos aposentados sob a coordenação dos jovens acadêmicos.

Sob este ângulo, é possível perceber uma relação intergeracional hierarquizada, que evidencia a diferença histórica e cultural dos sujeitos envolvidos. A atividade pareceu produtiva somente para a geração mais velha, como mostra uma narrativa de um entrevistado que, mesmo considerando que o aprendizado ocorre em mão dupla, o movimento dos mais jovens é sutil, quase imperceptível. A fala a seguir contempla a conclusão deste aspecto:

“...na EIC (Escola de Informática e Cidadania), apesar do espaço ser pequeno para as discussões...ouvir as monitoras sobre as experiências delas é difícil... elas não se expõem muito, elas mais ouvem, as vezes não é possível perceber o que elas sentem no lado pessoal, elas focam mais as questões gerais, e nós (alunos) colocamos mais o nosso lado pessoal, o que sentimos...com relação a proposta do Integrar, caberia ter mais tempo de ouvir também o que os jovens sentem e pensam...”(sujeito 2).

Por outro lado, a narrativa de uma jovem acadêmica estabelece uma crítica à postura que muitos adultos aposentados apresentam com relação às atividades do programa:

“...é um grupo bem variado e bem amplo, mas de certa forma eles (adultos aposentados) esperam um algo mais pronto, é o que a gente consegue observar nas discussões de cidadania na EIC ... quando eles tem que oportunidade de estar desenvolvendo alguma coisa, eles nem sempre se envolvem...”.

Esta mesma pessoa prossegue sua fala numa justificativa de que o ser humano é construído socialmente para obedecer às regras do contexto: *“... de certa forma mesmo não sendo natural do ser humano, é uma coisa que é socialmente embutida nele, desde pequeno você vai obedecendo a regras sociais e as regras que os outros vão passando para você, então você querer ser coordenado, é até*

uma das coisas que a gente tenta tirar aqui no programa...” (sujeito 6).

“...na EIC eu coloco sempre a frase não sou eu quem faço, nós fazemos juntos, porque não é bom que se mantenha esta diferença, a gente fica tanto tempo juntos e tão íntimos que a gente consegue quebrar isso; mesmo assim eles colocam-se algumas vezes na postura de saber mais, talvez porque eu seja mais jovem...” (sujeito 4).

É possível perceber que as jovens acadêmicas, mesmo considerando o respeito e o afeto que mantêm na relação com adultos aposentados que participam das atividades, buscam romper com a postura de passividade que eles assumem.

Nas narrativas dos adultos aposentados há histórias interessantes sobre a aproximação e a percepção deles para com o Programa de Extensão Integrar. Dentre elas, selecionou-se a seguinte fala:

“...eu vim no fim do ano de 1999 e gostei imensamente, fizemos coisas lindas, eu achei fabuloso, eu fazia terapia e eu deixei de fazer terapia porque o programa é uma terapia em grupo para mim...” (sujeito 9).

Muitos destes adultos aposentados estão inseridos nos Programas de Participação Permanente e Extensão Integrar há muitos anos. Afora as experiências e aprendizados expressos no decorrer desta pesquisa, há muitos outros fatos importantes vivenciados por eles durante este tempo de participação nas atividades

“...eu passei ali mais ou menos por 3 anos, lá eu participei de muitas atividades, no início, eram atividades boladas pelas próprias pessoas, eram brincadeiras, jogos, e a gente sentava no chão, a gente fazia teatro, a gente se divertia muito, dançava, eu gostava muito... tinham cursos de manhã e à tarde, a gente podia escolher. No fim quem fazia a própria programação eram os próprios alunos. O pessoal tinha poesia, teatro, e os familiares podiam ver no dia as apresentações e a maioria eram mulheres...”(sujeito 3).

“... eu me liguei no programa de Participação Permanente da Universidade desde 1994 para 1995, por aí, eu não tenho certeza; eu fiz um ano de programação e depois eu interrompi um pouco, o meu marido andava muito doente, perdemos o interesse, mesmo ele querendo que eu participasse porque para ele o aprender sempre foi importante, ele era professor, sempre ligado ao ensino, eu acho que foi em 2000 depois que ele faleceu eu retornei ao programa e agora estou na

informática...” (sujeito 7).

7.1.1.1 Síntese

Ouvindo estas histórias de vida que contemplam experiências ímpares na construção do ser humano, é possível perceber que o cotidiano das pessoas, quer seja dentro do Programa ou fora dele, é marcado por emoções, construções e desconstruções, por partilha, por solidão, por ganhos e perdas. Este é, essencialmente, o objeto deste estudo: o homem e a mulher num processo histórico de produção, que aqui se mostra.

Quanto à fala dos jovens acadêmicos sobre sua aproximação com os Programas da UFPR, estes relatam que este fato ocorreu ou casualmente ou em função de estudos a serem feitos sobre o processo do envelhecimento humano por solicitação de disciplinas do curso:

“...foi no primeiro ano da faculdade uma professora do curso de Psicologia e Sociedade dividiu a turma em grupos para fazer um trabalho sobre temas variados, e o meu grupo acabou ficando com a temática da terceira idade, e nisso fui conversar com minha orientadora que era a coordenadora do programa...no primeiro ano eu atendia o pessoal, dava informações e a partir do segundo ano eu comecei a participar das atividades da Escola de Informática e Cidadania...”(sujeito 6).

“...eu cheguei no Integrar através da minha irmã ...a gente pegou uma professora para supervisionar o projeto e resolvemos fazer Ginástica Laboral, como era na Escola de Informática a proposta é para evitar esforços repetitivos...”(sujeito 5).

Percebeu-se, nas narrativas das jovens acadêmicas, que todas vivem um momento de busca de conhecimento, de interesse, de aprofundamento e de questionamento acerca carreira profissional e da inserção no mundo do trabalho. A aproximação e a participação do programa na universidade oportunizam um exercício acadêmico muito produtivo.

Durante a análise dos dados, foi possível confirmar a inconclusão do ser humano expressada na participação dos jovens acadêmicos e dos adultos

aposentados nas atividades intergeracionais da UFPR. Experiências narradas ilustram um permanente movimento de procura, de aprendizagem:

“...o grande aprendizado que eu vi se dá pela experiência pessoal, eu aprendo a me relacionar com eles como se fossemos grande amigos, falando coisas, valorizando ações, num movimento de respeito mútuo, como se fizessemos parte de uma mesma geração...com idéias parecidas, troca de remédios...”(sujeito 4).

“...eu acho que o conhecimento me faz muita falta e sempre, eu acho que o ser humano tem muito o que aprender e muito que ensinar, é por isso que eu não paro nunca...”(sujeito 9).

Percebeu-se que a aprendizagem em algumas atividades intergeracionais do Programa Integrar ocorrem em mão dupla, ou seja, ora o jovem ensina, ora ele aprende, tal como referem:

“...eu sempre gostei de conversar com pessoas mais velhas, as vezes a gente ficava ali conversando antes de iniciar a atividade, e eu ficava espantada ouvindo elas conversarem sobre as experiências delas, lugares que frequentavam, sobre política, conhecimento geográfico, coisas que talvez a gente não iria aprender nunca...”(sujeito 11).

Em outros momentos, a troca é inversa, como fala um adulto aposentado:

“...fiz informática no ano passado, continuo fazendo poesias, hoje e estou no francês, que foi oferecido para jovens e idosos, e o contato com a meninada é ótimo, principalmente com as meninas do programa, elas são muito dedicadas, atenciosas, é muito gostosa a convivência com elas... a gente aprende muito com a juventude, e eles dizem que também aprendem conosco...”(sujeito 8).

7.2 AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E A COMPREENSÃO DE ATIVIDADE PRODUTIVA

Algumas narrativas na categoria anterior antecipam o envolvimento dos jovens acadêmicos com adultos aposentados através das atividades propostas pelos programas da UFPR. Portanto, a categoria das relações intergeracionais e a

compreensão de atividade produtiva refere-se à ação como condição essencial do homem e da mulher que buscam nas relações do dia a dia a permanente construção do ser historicamente produtivo. Algumas falas apresentam o quanto a condição de ser ativo e estar em atividade produzindo e construindo seu cotidiano estão presentes nas histórias destes sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano:

“...minha profissão é dona de casa, eu costumo dizer olhem bem esta expressão ‘Dona, eu me senti realizada primeiro porque eu tive seis filhos, e tive a felicidade de criá-los e depois estender isso a alguns netos, aquilo de dar a primeira papinha, ver dar o primeiro passo, ouvir a primeira palavra... e eu não me limitei a ser aquela dona de casa que levanta e faz o café da manhã e depois o almoço, lava a roupa, não eu não gosto de rotina, as coisas eu fazia quando eu queria e como eu queria e nisso eu aprendi muita coisa...”(sujeito 9).

“...eu trabalhei e estou aposentado desde 1978, vagabundo desde 1978. O Presidente passado nos chamou assim, vagabundo, eu não me sinto assim, eu sempre procuro sarna para me coçar, pratico esporte, sou estudante, trabalhei desde muito cedo, sempre tive muita coisa para fazer...não parei, eu gosto de idiomas, falo alemão, desde os meus 5 anos de idade, porque meus pais eram alemães, tive esta vantagem para estudar idiomas...”(sujeito 3).

“...estou aposentada há 7 anos, e mesmo aposentada eu tenho atividades voluntárias, alguns anos eu fiquei parada, cuidando de netos, para ajudar minha nora a trabalhar, depois fui morar sozinha e recomecei a trabalhar...”(sujeito 2).

Durante todas as entrevistas a palavra atividade foi verbalizada muitas vezes por jovens acadêmicos e adultos aposentados. Evidencia-se, por esta repetição, que a atividade esta implícita na condição de ser humano independente da fase da vida em que se encontram. A seguir, uma poesia declamada por um dos adultos aposentados, que ilustra bem esta questão:

“...eu acho que temos 3 fases nesta vida, a infância, a juventude que pega a adolescência e a mocidade e depois a velhice é o retorno de tudo o que a gente fez, de tudo que a gente conseguiu, eu acho que a vida em si é como um romance, é uma história, você teve a sua infância, você brincou, você teve apoio da sua família, carinho, foi a escola, você voltou, você começou a ser adolescente, frequentou

outros caminhos, outros lugares, depois casou, teve uma vida diferente, uma responsabilidade com o esposo, com os filhos, com a casam com a vida no seu lar e a velhice que te pega e te abraça e diz graças à Deus...”(sujeito 8).

Na condição humana de ser homem e mulher historicamente produtivo e ativo, jovens acadêmicos e adultos aposentados expressam suas opiniões acerca desta realidade na busca de qualidade de vida e da realização pessoal e profissional. Não somente como receptáculos, que absorvem e contemplam o real, nem mesmo como dono de verdades que originam-se de um plano ideal, mas sim como sujeitos ativos e produtivos em permanente relação com o mundo, tal como expressa a jovem acadêmica:

“... em contato com o grupo eu aprendi a lidar com diferentes pessoas, independente da idade, com qualquer grupo de pessoas... eu hoje apresento trabalhos na sala de aula, conheço novos grupos de pessoas. Porque participando das atividades do Integrar, algumas vezes a gente viaja para apresentar o programa em outras cidades, em outros lugares, e isso faz a gente amadurecer, ver o mundo com outros olhos...”(sujeito 6).

“...desde que eu entrei na faculdade ... eu quero estar sempre correndo atrás, porque eu acho que a gente aprende nessas coisas...então eu estou lá pela satisfação em fazer, para estar com eles, e pelo conhecimento...”(sujeito 1).

“... eu acho que estar em atividade na Universidade é uma forma de não parar, um dia uma pessoa que estiver nesse mundo sem aprender mais nada, o que está fazendo? Não adianta, a vida exige uma renovação constante e se a pessoa parar ela vai praticamente desaparecer...enquanto eu puder aprender, eu quero estar estudando, eu sempre fui muito curiosa, sempre gostei de aprender...”(sujeito 7).

É entendido, assim, que o homem é um ser em permanente construção, que vai se constituindo no espaço e no tempo. Em uma das narrativas sobre uma atividade do programa, há uma história de uma das senhoras aposentadas que contou sobre o processo de descoberta da sua relação antipática com seu próprio nome. Assim, a relação intergeracional transita também por grupo terapêutico ou como uma comunidade em processo terapêutico:

“... numa das atividades de Artecrescimento, a professora no primeiro dia de

aula pediu que através da pintura nós pintássemos algo que fosse nossa cara, eu pensei, espera aí, para ser minha cara, tem que pôr meu nome. Para ser a minha cara eu não sei se eu vou fazer, porque eu não gosto do meu nome, eu nunca gostei do meu nome, então pensei, sabe de uma coisa eu gosto de flores, crianças, eu fui muito mãe, um lado meu assim completamente materno, então coloquei umas flores, uma mulher com um bebê no colo. Depois a gente jogou as pinturas no chão e cada um que pegava a pintura tinha que adivinhar quem tinha pintado. Todo mundo olhou aquele e já falaram que aquela pintura era minha e que isto estava claro. Então a professora me questionou novamente sobre a antipatia do meu nome, e eu contei que quando outra pessoa se aproxima e tem o mesmo nome que o meu, eu já me afasto. Eu nunca pensei que este não gostar do meu nome poderia ter uma questão por trás que eu não tinha pensado. Tudo bem, eu tenho uma mania de dialogar comigo mesmo, tipo eu falo e eu respondo, e tive aquele insight, descobri que eu não gostava do meu nome, veja bem, levei 64 anos para descobrir isso, porque eu detestava minha madrinha, e quando a minha mãe dizia: nós vamos visitar a sua madrinha, eu queria me esconder e fugir, qualquer coisa menos ir à casa da minha madrinha. Eu não gostava da aparência dela, do cheiro dela, da comida dela. E a minha mãe sempre falava que ela que tinha escolhido meu nome (risos); eu tive certeza absoluta que era esta a única razão ...”(sujeito 9).

Considerando que a narrativa anterior ilustra uma descoberta importante para a entrevistada, é importante ressaltar que a atividade artístico-expressiva permitiu com que este sentimento pudesse vir à tona.

Nos cronogramas analisados do Programa Integrar, estas atividades estão presentes em praticamente toda a sua história. Assim, como o efeito da atividade da pintura no processo de resignificação do nome da pessoa, a atividade da poesia, da música e da dança fazem parte deste contexto. Nas atividades culturais há uma narrativa que resgata os valores étnicos do sujeito, revividos na relação com os outros:

“... um dos encontros gostosos de lembrar foi uma festividade com tema gauchesco. Receitas, poemas foram apresentados e foi muito gostoso. Foi uma atividade marcante...” (sujeito 3).

As atividades intelectuais, organizadas com o objetivo explícito da

aprendizagem de novos conteúdos, está mais presente na programação dos programas da Universidade, o que pode ser confirmado nas narrativas dos sujeitos entrevistados. Através da entrevista e do conhecimento do cotidiano dos entrevistados percebe-se que não somente os jovens acadêmicos estão envolvidos em atividades que envolvem a leitura, a escrita e o debate. Foi possível constatar que todos os adultos aposentados estão envolvidos em uma atividade intelectual:

“... hoje eu estou fazendo Francês, que foi oferecido aos jovens e aos idosos do Integrar pelo Centro de Línguas da UFPR...” (sujeito8).

“...atualmente estou somente na EIC e não participo de mais nenhuma atividade, vou duas vezes por semana das 8 às 12 ...”(sujeito 3).

As atividades de caráter informacional e atitudinal faziam parte principalmente do cronograma do Programa de Participação Permanente e o conceito de uma das entrevistadas sobre este tipo de atividade está expresso na seguinte narrativa:

“... eu fui assistir algumas palestras e inclusive fiz um passeio para a Ilha do Mel, eu achei o seguinte, as palestras que ocorrem lá eu gostei muito, participei, falei lá na frente, uma palestra de uma professora de Física da Universidade de Itajaí , movimentou a platéia mesmo...”(sujeito 9).

Percebe-se, também, que o aproveitamento de uma atividade está ligado, muitas vezes, ao tipo de interação e aproximação do grupo, por exemplo:

“... nas discussões do meu grupo na EIC a coisa pegava fogo. Porque tinham duas professoras como eu e mais duas advogadas, era um debate excelente, já o grupo atual deixa a desejar...” (sujeito10).

Quanto à **questão do ser humano ativo e produtivo**, este é um tema que está sendo debatido em diferentes áreas do conhecimento humano, talvez justificado pela busca incansável da longevidade. Professores, educadores físicos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, médicos e todos os profissionais que trabalham na saúde e educação prezam pelo valor do homem e da mulher permanecerem ativos e produtivos. Um dos entrevistados, aposentado desde 1978, faz uma afirmação baseada nas leituras da realidade do que é viver com qualidade de vida na maturidade:

“...eu acho o seguinte, eu tenho lido sabe, o aposentado tem que ter duas coisas fundamentais para ter uma vivência melhor e mais longa: atividade física e atividade mental... Eu caminho todos os dias da 7 as 8, cheguei a tal ponto que o dia que eu não caminho, eu sinto falta. Eu gosto de estar ao ar livre, eu sempre pratiquei esportes hoje não pratico mais. A parte mental, você pôde ver na minha história, que depois de aposentado eu fiz bastante cursos por diversos anos...a informática hoje do Integrar é uma atualização, por isso que estou nesta atividade...”(sujeito 3).

7.3 INTERGERAÇÃO EM PROCESSO DE RE-SIGNIFICAÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS

Considerando-se que o processo de conhecer alguém requer a busca prévia das informações necessárias para que este conhecimento seja realmente efetivo, para realização desta pesquisa buscou-se, já no início das entrevistas, a confirmação dos dados de identificação dos entrevistados, considerados essenciais para caracterizar esta população, como nome e sobrenome, idade, onde e com quem residem. Tratam-se de dados requeridos e respondidos inúmeras vezes no cotidiano das pessoas ao longo da vida e, até mesmo, até o momento de sua morte.

Vale ressaltar que a identificação dos entrevistados não rompeu com o protocolo de identificação comumente utilizado, mas acrescentou um questionamento para identificar os sujeitos ao longo de sua história produtiva.

Ouvir e analisar os dados desta questão foi muito interessante. Percebeu-se que os jovens acadêmicos e os adultos aposentados durante a narrativa de suas histórias de vida, expressaram um movimento contínuo de (re) significações de espaço, de objetivos, de grupos sociais dentro de uma mudança do tempo, como mostra-se nos discursos:

“...quando vim para Curitiba para estudar para o vestibular, não tinha definido ainda qual faculdade iria cursar...mas eu sempre gostei de Psicologia...”(sujeito 1).

“... eu comecei a ir para a escolinha com 2 anos e 6 meses, desde então eu

não parei mais...”(sujeito 6).

“... sou natural de Porto Alegre, sou pai de 4 filhos... cursei o primário, científico e fiz engenharia mecânica... eu me formei em 1957... trabalhei ... e estou aposentado desde 1978...”(sujeito 3).

“... eu, como aluna, não fui muito longe, fiz até o 2º grau e incompleto ainda, porque minha mãe tinha aquele tipo de cultura, que mulher foi feita para casar, então eu casei com 16 anos e a minha profissão é ser dona de casa...”(sujeito 9).

Diferença e igualdade são as primeiras noções de identidade, referenciadas na revisão teórica. Ao longo da vida nos diferenciamos e nos igualamos, conforme os vários grupos sociais de que fazemos parte. Em algumas narrativas dos jovens acadêmicos e adultos aposentados sugerem um contínuo movimento de ser, estar, fazer e pertencer:

“...fiz educação familiar, que era um curso do Normal, clássico, tipo científico... que ensinavam além das matérias do Normal, educação familiar, enfermagem, culinária...preparava as jovens para casar, como era na época então eu fiz isso e depois eu queria fazer Direito, mas naquele tempo eram poucas as mulheres que faziam faculdade, daí fiz vestibular e fiquei por meio ponto em Inglês...desisti ...e comecei a trabalhar numa escola de um primo meu, eu já estava noiva...” (sujeito 10).

“...desde o ginásio eu sempre tive vontade de lecionar, o primeiro dia que coloquei o pé na escola, eu pensei é aqui que eu vou dar aula, me defini ali, porque até ali eu não tinha pensado em ser professora...” (sujeito 7).

“... eu era quietinha, aquele tipo de menina que sempre senta na primeira carteira, tinha poucas amigas, e foi assim até o segundo ano do 2º grau, sempre muito reservada...quando comecei a fazer o cursinho com minha irmã que me alcançou, eu me soltei um pouco mais e fui conhecer novas pessoas, ela me levou para o fundo da sala...bem nessa época minha mãe disse que eu mudei da água para o vinho...” (sujeito 4).

Nas narrativas acerca da participação das atividades intergeracionais da UFPR , há presença de movimento na identidade dos jovens e dos adultos em contínuo processo de re-significações:

“...e participar do programa me aproxima do mundo...eu já participo da

conversa com a turminha da minha casa, meus filhos e netos... esse linguajar da informática era totalmente desconhecido... participar lá me aproxima do mundo atual...” (sujeito 3).

“... eu estou inteiramente envolvida, o tempo todo estou pensando na questão do envelhecimento...eu passei a me interessar pelo assunto... e tudo que vejo, bate com a minha idéia de que envelhecer é continuar se desenvolvendo, e uma das melhores formas de viver é estar envolvida em alguma atividade...” (sujeito 4).

“...eu amadureci bastante com o contato com eles, eu aprendi a lidar com a diferença das pessoas, com jovens e com os idosos, com qualquer grupo de pessoas...” (sujeito 6).

Foi interessante constatar nestes discursos alguns dos pressupostos encontrados no referencial teórico consultado, particularmente no que diz respeito à identidade e ao conhecimento de si próprio propiciado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados no relacionamento em determinado grupo social.

Na análise das narrativas dos jovens acadêmicos sobre o enfoque da geração que pertencem e deparou-se com as definições, e as localizações sobre a fase da vida que se encontram, como por exemplo, a entrada no mercado de trabalho, um processo de transição chave para a vida adulta. Os discursos dos jovens acadêmicos, neste sentido, foram:

“...eu nunca parei para pensar assim em uma divisão, mas eu acho que eu já passei pela fase da adolescência e já entrei na fase da vida adulta onde eu já estou querendo construir a própria vida, sem estar dependendo dos outros, ao invés de depender dos meus pais, eu poder ajudá-los... na verdade eu já estou buscando entrar no mercado de trabalho, só que com a carga horária de trabalho na universidade eu não estou conseguindo...”(sujeito 4).

“...olha eu acho que eu atualmente me encontro em todas as gerações, assim, tem horas que eu me acho infantil, tem coisas que penso demais, e eu não preciso estar me preocupando tanto, e aí eu penso nossa, eu estou além de onde devia estar, eu não sei assim precisar que geração estou, eu sou essa geração!!...”(sujeito 11).

“...eu acho que eu estou (risos) numa geração mais adulta, eu acho que já passei daquela fase da adolescência, me comparando com outras pessoas que eu convivo na faculdade, eu até brinco, que estou fora do meu mundo, a realidade da minha escola não é a mesma que a minha... eu fico pensando que no final deste ano eu já não serei mais uma acadêmica, eu serei uma profissional... eu terei que lutar ainda mais... eu acho que estou numa transição para a vida adulta...”(sujeito 5).

“...eu acho que eu sou de uma geração jovem, eu acho que a faixa etária e o estágio que ainda eu estou, estou na faculdade, pensando em começar minha carreira profissional, um pouco amadurecida na idéia mas talvez estou ainda para a geração jovem...”(sujeito 6).

“...eu sou estudante, e aí, de repente, eu já não mais serei estudante...”(sujeito 1).

Com relação aos adultos aposentados, a questão da definição e localização da fase da vida em que se encontram, o afastamento do mercado de trabalho, a aposentadoria, a perda do esposo ou da esposa, são os marcos da descrição realizada por eles para novas re-significações de identidade:

“...eu sou a patriarca da família...tenho 2 filhas, eu ainda não tenho bisnetos... eu sou idosa...”(sujeito 8).

“...eu sou idosa... mas da minha juventude, eu as vezes fico muito saudosa, eu digo então: onde estão as minhas amigas, quantas já se foram e a gente vai se sentindo cada vez mais só, na família morre pai, mãe, irmão, marido, então a gente vai se conscientizando que o caminho agora é um pouco diferente a gente vai conhecendo novas pessoas...”(sujeito 7).

“...eu tenho a impressão que a gente vai se identificando com a própria vida, com você mesmo, com a vivência... minha vida, eu não sei se é presunção eu dizer isso, mas é cada vez melhor... eu não me sinto velha, aliás eu até esqueço a idade que tenho, então só quando alguém me pergunta a idade, eu acho maravilhoso ver as gerações se sucedendo... tenho uma bisneta...”(sujeito 9).

“... eu sou da geração sanduíche, estou no meio de uma geração tradicionalíssima que trouxe tradições dos tetravós e que nos passou conceitos rígidos, em seguida veio a geração hippie que se revoltou e veio a liberação da mulher...”(sujeito 2).

“... eu sou aposentado, profissionalmente eu estou afastado...” (sujeito 3).

Durante a definição de geração, alguns jovens acadêmicos realizaram uma viagem no tempo e expressaram a perspectiva em chegar na aposentadoria como um adulto saudável, e alguns dos adultos aposentados expressaram comparações da juventude de hoje com a juventude de seu tempo:

“...olha a coisa esta muito diferente, hoje temos problemas em tudo quanto é setor. Por exemplo, quando eu me formei na engenharia, um professor me chamou para trabalhar com ele, hoje é muito difícil o jovem que se forma encontrar trabalho...mesmo hoje sendo tudo mais fácil em vários aspectos, neste as coisas não são muito fáceis...” (sujeito 3).

“...eu até brinco, que se eu envelhecer como eles envelheceram e como a minha avó com 82 anos, vivendo uma vida ativa, adora os netos, sai se diverte, tem sua horta... eu penso assim envelhecer trabalhando com alto astral, sempre tentando ajudar o próximo, nunca parar, como eles que fazem trabalho voluntário, acho que é isso que motiva eles a estarem buscando alguma coisa nova, a aprender a lidar no computador...”(sujeito 5).

Como investigou-se a relação entre dois grupos etários distintos, **percebeu-se que a relação narrada pelos jovens acadêmicos é similar no momento presente com outros jovens da mesma idade, ou seja, um processo de identificação, porém, há narrativas que expressam a importância de estar convivendo com o adulto aposentado na construção de seu papel social, de sua identidade:**

“...como todo jovem na faculdade estou sempre correndo atrás... a gente aprende com o outro, na prática... eu acho fantástico com eles a gente esta aprendendo o tempo todo... eles não te noção... a gente vai ser mais velho, a gente também vai passar pelo que eles estão passando...” (sujeito 1).

“... na escola de informática e cidadania, não é só a gente que esta ensinando, nós aprendemos muito com eles também, eles trazem informações para que a gente repense na metodologia do trabalho,... eles vêm e contam as receitas de bolo, e outro dia eu trouxe um bolo, e eles queriam a minha receita, então nessas pequenas coisas a gente vai trocando e crescendo, e não é só conhecimento científico...” (sujeito 6).

Nas narrativas sobre a participação nas atividades intergeracionais da UFPR, pode-se compreender a idéia da identidade ser constituída pelos grupos do qual fazemos parte: é pelo agir e pelo fazer que alguém se torna algo, independentemente da idade que se encontra, o movimento do homem e da mulher é o mesmo e vive-se num verdadeiro processo de resignificação:

“...eu disse para uma prima minha que fez magistério, que eu jamais pensei que iria ensinar alguém, porque eu não tinha paciência, e eu fui me descobrindo paciente de observar e tentar agir com mais calma...” (sujeito 4).

“...existem algumas atividades que não me identifico, não me atraem, eu acho que eu gosto pouco de movimento do corpo, vou começar a fazer yoga se não eu fico alterada...” (sujeito 9).

Alguns jovens expressam sua percepção sobre o processo de entrada no mercado de trabalho e o afastamento devido a aposentadoria no desenvolvimento do homem e da mulher. Esta percepção se apresenta carregada de emoção, pela observação da realidade que os adultos aposentados convivem no contexto social:

“...com as atividades do Integrar, eu passei a observar mais sobre a questão da aposentadoria, tenho uma tia que já está aposentada, ela ainda não é idosa, mas tem uma postura diferente. Tenho um tio que esta para se aposentar, eu fico pensando que mudança na vida...ai você se formou, começa a trabalhar, trabalha, trabalha e de repente uma quebra que é a aposentadoria...” (sujeito 1).

“...eu tenho visto alguns cursos de pós-graduação para fazer depois que terminar a faculdade. A entrada no mercado me assusta um pouco... eu acho que o convívio com eles a gente tem noção do que é o mercado lá fora, porque eu nunca passei por isso...”(sujeito 6).

Na participação das atividades da UFPR, mudanças aconteceram com os participantes e são narradas por eles próprios ou pelos colegas de grupo. Atitudes novas no cotidiano, papéis sociais incrementados pela ação, pelo movimento, um verdadeiro processo de imersão de novas identidades são expressos nas narrativas a seguir:

“...eu já fazia poesia, eu sempre gostei de fazer, mas eu fazia e jogava fora, eu não mostrava nem para minhas filhas... depois que eu entrei no Integrar, fui para casa e comecei a escrever as poesias ...agora tenho 30 poesias escritas... ano

passado participei de um concurso...e coordenei uma atividade lá no Integrar de poesia... (sujeito 8).

“...hoje eu vejo a pessoa como um todo, eu consigo trabalhar em grupos, isso significa um desenvolvimento enorme...”(sujeito 12).

“... eu disse para a supervisora que eu queria levar para fora este conhecimento, fui ser voluntária em grupo de educação para jovens e adultos... recebi orientação... no semestre passado aconteceu, foi uma coisa linda, eu levei exatamente o que aprendi lá dentro, fui convidada a fazer uma vez por semana uma atividade fora do programa escolar, são pessoas humildes, simples, trabalhadoras, de idade mais velha... eu vi coisas lindas como um menino de 16 anos enxugando as lágrimas enquanto assistia um vídeo da orquestra sinfônica que eu levei...” (sujeito 9).

Quanto ao movimento de compartilhamento de emoções nas relações intergeracionais, a aprendizagem entre jovens acadêmicos e adultos aposentados como foi visto anteriormente, ocorre de maneira informal e a relação favorece a mesma. A relação intergeracional mediada pelas atividades da universidade, objeto deste estudo, é caracterizada pelo compartilhamento social onde perpassam emoções, troca de afetos, percepções dos outros, das diferenças. Algumas narrativas que localizam o compartilhamento social de emoções no favorecimento da construção do conhecimento social e na formação da consciência, foram:

“... isso que me motiva vir aqui, as histórias que eles contam, o carinho com que eles me tratam...” (sujeito 5).

“...na Escola de Informática e Cidadania, eu sempre coloco a frase que não sou eu que estou fazendo sozinha, mas nós estamos fazendo juntos...” (sujeito 4).

“... eu tenho uma relação bem próxima, principalmente com os que estão no meu horário...” (sujeito 1).

A afetividade é percebida com um papel relevante neste processo de interação como uma fonte de motivação ilustrada nas narrativas anteriores, e, é possível evidenciar em outras narrativas que a questão da diferença etária é utilizada para a expressão do afeto:

“... a gente se abraça, elas são muito carinhosas com a gente... eu acho que muitas vezes sou tratada como neta e não é só comigo, com as outras também...”

(sujeito 1).

“...no programa o que me chamou a atenção foi o dia-a-dia da aula, eu acho maravilhoso ser instruída pelas meninas da Psicologia, porque elas são pessoas muito sensíveis...” (sujeito 2).

“...não acredito que nenhuma jovem tenha queixa de nós os idosos, e nós também não temos delas, ...todos os meus colegas adoram aquelas crianças, a gente se dá muito bem...”(sujeito 9).

“... existe uma troca interessante da aula de cidadania, é uma troca linda... as meninas têm uma paciência de Jó, pois não é fácil lidar com as pessoas que estão totalmente longe da informática...” (sujeito 2).

“... se relacionando com eles a gente sempre sentiu um negócio legal da relação com eles, e foi por eles que a gente acabou ficando na coordenação desta atividade...” (sujeito 4).

7.3.1 Síntese

Na análise das narrativas é possível perceber que nas relações cotidianas entre estas duas gerações revelam com evidência que mesmo essa relação se desenrolando num plano funcional, a dimensão do emocional se apresenta, se impõe e se manifesta. Assim acontece a aproximação cognitiva dos fenômenos sociais, então onde o preconceito, as atitudes, a persuasão, a comunicação e mesmo a agressividade, são expressas:

“... uma coisa que me chamou a atenção no começo foi que na educação física (fisioterapia) teve problemas conosco, porque achava que nós não a aceitávamos e então não participávamos da atividade de ginástica, mas o problema era dela não era nosso, nós a aceitávamos desde o principio, ela que estava se sentindo insegura em relação a nós...então quando ela nos colocou isso no grupo, nós ficamos bastante admirados, porque aquilo que ela estava sentindo não representava o que nós estávamos sentindo... com a outra instrutora de atividade, nossa relação é bem amiga, tudo é bem compartilhado... com relação aos meus colegas vou dizer o que eu sinto, não sei o que eles sentem, nós somos de

personalidade forte, nós temos uma relação boa, mas como eu sou extrovertida e falo mais, tudo o que tem que ser feito, elas dizem para eu fazer e eu não gostaria de que fosse assim...”(sujeito 2).

“... no geral assim um aprende a lidar com o outro... eu sou aquela pessoa que fico sem jeito de acabar magoando...” (sujeito 4).

“... pensar no idoso aprendendo informática é curioso pensar...” (sujeito 4).

“...Seria, eu acho mais difícil, eu sempre vejo nos olhos de alguns idosos alguma censura em relação a mim, ao meu comportamento, mas não estou nem aí, é aquilo que eu te disse, a partir do momento que eu não estou invadindo o espaço de ninguém no meu espaço eu sou livre para fazer o que quiser. Já os meus netos amam esse comportamento, inclusive tem um neto da minha filha mais velha que diz assim “ai Vó que bom se a minha mãe fosse assim igual a você”, aí eu explico que ela não é igual a mim por que eu não tenho nenhuma responsabilidade sobre você, mais na realidade não é isso que ele quer dizer, mais eu não posso (risos). Eu tenho amigas mais por incrível que pareça algumas das minhas amigas elas não me censuram, as vezes nós estamos juntas e eu faço algumas piadas marcantes e elas riem, e acham graça, e até dizem eu te admiro, mas elas não tem coragem de fazer o que eu faço, aliás eu acho que a idade nos dá o direito de fazer o que queremos, dizer o que pensamos e ponto final...” (sujeito 9).

“...Acho que não talvez algumas, isso percebi inclusive eu levei algumas invertidas por que aquilo que eu te disse em vez de pensar duas vezes antes de eu falar eu falo duas vezes antes de pensar (risos); mas então tinha uma que era meio impetuosa e algumas vezes ela me deu algumas respostas quase aquela resposta coloque-se no seu lugar, e eu abri a boca e fechei de novo considerando a falta de experiência e de vivência dela, mas eu acho que não por maldade talvez algumas até pensam eu tenho que ir lá e ensinar alguma coisa, mais elas descobrem rapidamente que de ambas as partes existe o aprendizado e o ensinar. E isso acontece em todos os grupos...” (sujeito 9).

O preconceito surgiu nas narrativas relacionado a eventos do cotidiano dos adultos aposentados, como ser chamado de avô ou avó no meio da rua, o chamado de vagabundo feito pelo Presidente da República no mandato anterior em relação a aposentadoria, por ter descontos como privilégio na farmácia, além do título de

“inativo”. As narrativas de uma das jovens entrevistadas apresenta uma resignificação no papel social do adulto maduro :

“... no começo da proposta da EIC era tudo muito novo, e a gente resolveu arriscar para ver como seria. A gente não conseguia imaginar um idoso aprendendo informática. É curioso! Mas agora que eu estou na escola, eu vejo a importância que é isso para eles,... eles não mais se menosprezam porque são idosos...” (sujeito 4).

CONSIDERAÇÕES DA AUTORA

Historicamente, o conceito de desenvolvimento remete ao modelo hegemônico, que o vincula estritamente ao paradigma da economia e que interpreta os eventos econômicos como desligados de importantes elementos de interação humana. Como reparar a destruição sistemática que os homens sofrem desde o nascimento, na sociedade da competição e do lucro?

O trabalho pode ser um espaço de cooperação intergeracional quando as gerações adultas podem transmitir conhecimentos baseados na experiência aos jovens. Além disso, as relações intergeracionais constituem um instrumento efetivo para enfrentar-se ao envelhecimento, já que oferecem um enfoque positivo na família e em outras relações sociais.

Para além de reforçar a solidariedade entre gerações e contribuir para o seu desenvolvimento, as atividades intergeracionais também produzem efeitos benéficos nas organizações envolvidas e contribuem para a concretização de políticas globais.

Estamos em um período de redefinição do papel social da velhice. Para o idoso tradicional fica o que para ele significa. O importante é o ato de refazer, relembando o que foi feito e selecionando o que ainda tem sentido em sua vida atual. Não é o passado, objetivamente reconstruído que o idoso exprime. Mas o que ainda está carregado de emoção e de paixão no presente; para ele, vale mais a força das emoções atuais da lembrança que a reprodução fiel do que efetivamente se passou. Compartilhar estas impressões vividas com a geração mais jovem possibilita, ao portador destas memórias, (re)significar as experiências e redimensionar seu papel social no mundo.

Lembrar é resignificar, como afirma Bosi (2003), e resignificar foi um processo permanente durante toda esta pesquisa. Os conhecimentos e as experiências compartilhadas com cada um dos professores do mestrado em sala de aula, paralelo ao cotidiano dividido com os alunos e professores do Curso de Terapia Ocupacional e com os familiares e amigos não podem ser desconsiderados neste processo de aviamento da pesquisa.

Quem sou? A qual geração pertenço? E o que pesquisar jovens acadêmicos e adultos aposentados contribui para a contínua formação desta pesquisadora? O

movimento da minha identidade de ora educanda, ora educadora, de filha, irmã, tia, de amiga, de terapeuta ocupacional, de brasileira, de cidadã e de pesquisadora, e todos os papéis que qualquer outro ser humano vivo e ativo desempenha no dia-a-dia, contribuíram significativamente para um processo de ressignificação de mulher historicamente produtiva. Dentre as minhas diferentes ações no mundo, como pensar, agir, refletir, planejar, organizar, olhar, criticar, ser e estar ganharam uma nova visão de mundo.

Foram 12 histórias de vida concedidas para esta pesquisa, 12 pessoas especiais que narraram suas experiências e exemplos de ser um indivíduo e de estar em relação com outros, emoções e afetos, todos compartilhados através da linguagem do movimento e da arte.

É a sensibilidade que permite ao homem e a mulher SER e FAZER, LEMBRAR E SIGNIFICAR e ela está presente do nascimento à morte. Ouvir as narrativas das pessoas nesta pesquisa foi uma tarefa privilegiada, mas analisá-las e percebê-las na sua singularidade e complexidade foi um verdadeiro processo de significação.

Compartilhar histórias, emoções, está presente no cotidiano de cada ser humano, quando se come, dorme, acorda, se compartilha o que se sente, se faz, se almeja, se deseja. Então fica o questionamento, do por que será que espaços dos seres humanos no trabalho, nas universidades, nas escolas, em casa, campos estão dedicando cada vez menos tempo para que o espontâneo, a emoção, a troca aconteça?

Vivemos num país, onde o número de analfabetos e o índice de violência são assustadores, dentre outros índices alarmantes dados do IBGE (2000) apontam o Brasil como um país que envelhece a passos largos e no qual os jovens enfrentam uma acirrada disputa por vagas no ensino público superior. Este é o nosso contexto social, este é o nosso país. Em outra vertente, o contexto sócio-político classifica o ser humano conforme o que ele produz/rende, o que se traduz em denominações cristalizadas e estigmatizadas como velhos, inativos, rebeldes, desempregados, deficientes.

Através desta pesquisa, foi possível perceber o quanto a relação intergeracional é benéfica para o ser humano. Por que novos espaços, como os

estudados nesta pesquisa, não estão ao alcance de todos? Será que os governantes têm conhecimento dos benefícios do convívio das gerações?

Uma das poesias declamadas durante as entrevistas fala assim: “Tenho um neto calado e capaz de contar para ninguém coisas que, às vezes confessa, gostaria de dizer a alguém. Ao me apresentar a um amigo, o qual, sem pensar, troca o chavão “muito prazer, senhora”, pela mais doce expressão “quanto tempo eu queria conhecer a tão falada avó”. E foi ouvindo essas palavras que consegui entender quão úteis os nossos conselhos poderiam ser se soubéssemos a hora certa de dizer”.

E assim, uma história de vida, uma vivência, transcende o próprio tempo do Ser, alimentando e nutrindo as próximas histórias de vida de outro Ser que, por fim, aprende que “Fica o que Significa” (BOSI, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do problema, dos pressupostos, da revisão de literatura e pesquisa de campo foi possível realizar-se uma re-leitura da realidade objetiva e chegar a algumas considerações finais.

Buscou-se identificar o que se apresentou de forma crítica e reflexiva, analisando impactos, dificuldades; superações, contradições e re-significações dos adultos aposentados no enfrentamento na nova fase da vida, em uma relação intergeracional com jovens acadêmicos do Curso de Psicologia, assim como as percepções dos jovens sobre a importância desta convivência na construção da história de suas vidas.

Da análise de conteúdo inferem-se possíveis transformações ocorridas com os sujeitos envolvidos nos Programas da UFPR e, reconhecidos seus valiosos depoimentos e conseqüentes desdobramentos, os achados subsidiam ainda a considerações que se seguem:

- com relação à dinâmica do programa, foi possível perceber a relevância desta proposta de formação permanente do homem e da mulher para o contexto social em que vivem atualmente;

- percebeu-se que a estrutura dos dois programas da UFPR está fragilizada, atualmente, pelas questões políticas e estruturais da instituição;

- sem informações sobre uma programação atualizada, os participantes do PPP sentem-se inseguros sobre a continuidade das atividades;

- atualmente o Programa de Extensão Integrar apresenta uma programação de atividades desenvolvidas por profissionais e voluntários de fora da universidade. Considerando-se que é uma atividade de Extensão, envolvendo acadêmicos do curso de Psicologia, há carência de professores e supervisores, o que inviabiliza a criação e o desenvolvimento de novas atividades;

- considera-se que a proposta da intergeracionalidade está presente nos dois programas; todavia, há necessidade de focalizar melhor esta questão e valorizá-la mais no contexto do cotidiano dos programas entre coordenadores e participantes das atividades;

- sobre a história do Programa Integrar percebeu-se a existência de um momento de transição entre o abandono de um sub-programa uma nova estrutura de programa de extensão, até o momento pouco clara;

- o conceito de educação permanente precisa ser reforçado e a prática social educativa precisa ser re-contextualizada no Programa Integrar;

- a estrutura hierárquica das atividades do Programa de Extensão Integrar requer uma reformulação adequada;

- considera-se que o Curso de Psicologia é o vínculo do Integrar; no entanto, é preciso inserir discussões acerca das emoções que rondam jovens em formação e adultos maduros, havendo espaços para a organização de debates e relatos de histórias de vida;

- em duas das narrativas percebeu-se o resgate de temáticas étnicas, com valorização da identidade cultural. Trata-se de terapêuticas que foram realizadas por jovens e adultos participantes, uma atividade que, conforme foi possível perceber na leitura das programações, não consta do calendário de eventos do Programa.

Estas constatações reafirmam a importância de se considerar que, apesar do indivíduo ser concebido como um produto da história e da cultura é, também um ser intencional e criativo, em constante transformação, e que coletivamente, pode mudar o próprio processo cultural que o constituiu.

Após a realização deste trabalho, a autora pôde vislumbrar novas possibilidades de aprimoramento a partir de novas concepções e estudos direcionados à temática de Programas como aqueles aqui abordados.

Assim, ficam aqui registradas algumas propostas que possam vir a nortear o desenvolvimento de trabalhos futuros, em uma tentativa de contribuir com a produção de mais e melhores abordagens científicas relacionadas ao tema, bem como para a melhoria das ações de Educação Permanente

Recomenda-se o desenvolvimento de estudos que visem identificar os níveis de satisfação dos participantes de Programas de Integração Intergeracional com relação às atividades disponibilizadas, com o propósito de acompanhar a evolução das necessidades e anseios dos participantes, ampliando assim as possibilidades de aprendizagem e de aquisição e troca de novos conhecimentos.

Propiciar um leque maior de opções de atividades que contemplem outras áreas do conhecimento. A esse respeito, acredita-se que oferecer um elenco de atividades que contemple desde a pessoa que aspira aprender a ler e escrever, até aquela que já tem muitos conhecimentos escolares, mas anseia por novas aprendizagens, é facilitar a emergência do prazer pela convivência intergeracional, pela troca de informações e experiências, num ambiente promotor de ensino, aprendizagem e crescimento.

Por fim, recomenda-se ainda a ampliação de estudos dirigidos à formulação de pesquisas psicossociais voltadas especificamente ao campo do envelhecimento humano, pois, em que pese o grande esforço e competência de pesquisadores da área, os estudos e pesquisas direcionados à esta área de conhecimento ainda são escassos frente à magnitude do tema.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C. P. **Eu nunca vou parar de buscar nada:** emancipação frente à colonização e políticas de identidade na adolescência. 1997. 128p. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- ARIÉS, P. **História social da criança e da família.** 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BARROS, M. L. **Autoridade e afeto:** avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais.** 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BONIN, L. R. Indivíduo, cultura e sociedade. *In:* JACQUES, M.G.C. (Org.) Psicologia social contemporânea. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. 10 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BULGAKOV, Y. Entrevista concedida a Andréa Fedeger. Curitiba (01 de Março de 2004).
- CAMARGO, D. **As emoções no processo de aprendizagem.** 1997 São Paulo. Tese (Doutorado) Curso de Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP.
- CHIZOTTI, A.; BRANDÃO, C.R. **Pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1999.
- CHIZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- CIAMPA, A.C. **A estória do Severino e a história da Severina:** um ensaio de Psicologia Social. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CIAMPA, A. C. Identidade. *In:* LANE, S.; CODO W.(Org.) **Psicologia social: o homem em movimento.** São Paulo: Brasiliense, 1999.
- CODO, W.; VASQUEZ-MENEZES, I.; VERDAN, C.S. Importância social do trabalho. *In:* CODO, W. (Coord) **Educação: carinho e trabalho.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DEBERT, G. G. Família, classe social e etnicidade: um balanço da bibliografia sobre a experiência do envelhecimento. **Boletim Informativo e Bibliográfico de**

Ciências Sociais. Rio de Janeiro. n. 33, 1º Sem.1992. pp 1-88.

DEBERT, G. G. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** São Paulo, v. 12, n. 34, jun/1997.

FERRIGNO, J.C. **Co-educação entre gerações.** São Paulo: Vozes, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GUILLEMARD, A.M. **La Retraite:** une mort sociale. Paris: Mouton,1972.

HABERMAS, J. **Teoria de la accion comunicativa.** Madri: Taurus, 1988.

HELLER, A. **O cotidiano e a história.** 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HELLER, A. **Teoria de los sentimientos.** 3 ed. México: Fontamara, 1993.

IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico:** Brasil, 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

KNECHTEL, M.R. Prefácio In: BRANDÃO, J.; SILVA, M.D.; REBELO, R.A. **A vida na maturidade:** uma contribuição à educação permanente. Blumenau: Nova Letra, 2003.

KNECHTEL, M.R. **Educação Permanente:** da reunificação alemã à reflexões e práticas no Brasil. 3 ed. Curitiba: Editora UFPR,2000.

LEONTIEV, A. **Actividad, conciencia y personalidad.** Buenos Aires: Ciencias del Hombre, 1978.

MALRIEU, P. Identité: des notions au concept. *In: La Pensée.* no. 226, pp.13-28,1982.

MANNHEIM, K. The problems of generations. *In: Essays on the sociology of knowledge.* London: Routledge and Paul, 1952.

MARX, K. Manuscritos econômicos e filosóficos. *In: FROMM, E. Conceito marxista do homem.* Rio de Janeiro, Zahar, 1983. pp.85-169.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do Conhecimento:** pesquisa qualitativa em Saúde.7ª ed. São Paulo: Hucitec – ABRASCO,2000.

MORIN, E. A Noção de sujeito. *In: SCHNITMAN, D.F. (Orgs.) Novos paradigmas, culturas e subjetividade.* Artes Médicas, Porto Alegre,1996.

OLIVEIRA, P.S. **Vidas compartilhadas:** cultura e co-educação de gerações na vida

cotidiana. São Paulo: Hucitec, 1999.

PALHARES, P.A. **Programa de Extensão Integrar:** criando um espaço para o desenvolvimento humano – identificação do perfil e levantamento de interesses. 2003. 55p. Monografia (Graduação). Curso de Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

PRHAE. **Programa de Participação Permanente:** princípios, critérios e procedimentos científicos. Curitiba: UFPR, 1997, 53p.

RIMÉ, B. Le partage social des émotions. In: RIMÉ, B.; SCHERER, K. **Textes de base en psychologie:les emotions.** Paris: Delachaux & Niestlé, 1993.

SANTOS, M.F.S. **Identidade e aposentadoria.** São Paulo: EPU,1990.

SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão:** análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis, Vozes, 2001.

SILVA, M.D. O ser humano historicamente produtivo numa perspectiva da educação permanente In: BRANDÃO, J. ; SILVA, M.D.; REBELO, R.A. **A vida na maturidade:** uma contribuição à educação permanente. Blumenau: Nova Letra, 2003

SORATTO, L.; OLIVIER-HECKLER, C. Trabalho: atividade humana por excelência. In: CODO, W. (Coord.) **Educação:** carinho e trabalho. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

UFPR – Universidade Federal do Paraná. **Plano Instrumental:** Gestão 1994/98. Curitiba, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** 3ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

APÉNDICES

APÊNDICE 1- QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO DE APLICAÇÃO

Dados de Identificação:

Iniciais: Idade: Sexo:

Mora com alguém: Quem:

História Profissional / Acadêmica:

Tempo no Programa: Atividades inscritas no PPP:

Como chegou ao PPP: Por quê está no PPP:

Qual a frequência de sua participação:

Por quê selecionou estas atividades no PPP?

O que significa para você participar do PPP?

O que significa para você compartilhar com pessoas de diferentes gerações?

Qual a diferença do trabalho formal da atividade acadêmica no PPP?

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO

Esta pesquisa propõe-se a estudar a relação intergeracional buscando aprofundar conhecimentos sobre concepções e (re) significados da atividade humana produtiva. Os procedimentos do estudo requerem apenas a sua participação para responder a uma entrevista de acordo com sua disponibilidade, não envolvendo qualquer risco de sua identidade, como participante da pesquisa ou de prejuízo de suas atividades, ficando assegurada seu direito de recusa em participar da mesma.

Eu, _____, tenho conhecimento dos objetivos da pesquisa intitulada :Relação intergeracional: concepções e (re) significados da atividade humana produtiva, e fui informado de forma detalhada sobre o sigilo e confidencialidade das informações que prestar, assim como fui assegurado da impossibilidade de qualquer informação possa ter repercussão em minha vida pessoal ou profissional. Estando ciente destas orientações, estou de acordo em participar voluntariamente da pesquisa.

Assinatura do respondente

Assinatura do pesquisador

Data: __/__/__

ANEXOS

ANEXO 1- ATIVIDADES DO PROGRAMA DE PARTICIPAÇÃO PERMANENTE

ATIVIDADES DO PROGRAMA DE PARTICIPAÇÃO PERMANENTE

Curso de Extensão Universitária Sobre Problemas do Mundo Contemporâneo

Estruturado em 1995 e oferecido à comunidade acadêmica e à comunidade em geral tem a finalidade de assegurar ao aposentado um espaço que lhe possibilite o desenvolvimento, o crescimento e a atualização, dá-se continuidade às atividades, buscando contribuir para uma melhor qualidade de vida.

Os objetivos são proporcionar a atualização de conhecimentos; reflexões, debates, experiências, bem como outras atividades que vierem a ser suscitada pelo grupo.

Em 1996 o Curso de Extensão Universitária sobre Problemas do Mundo Contemporâneo desenvolveu o Seminário Internacional "Cidades educadoras Contra a Exclusão e Pela Paz", co-patrocinado - UNESCO e Associação de Universidades - Grupo Montevideo, com conferências e palestras sobre A saúde anda mal? No Brasil e no Mundo?; Trabalho e educação - um desafio para o futuro?; Associação de Professores da UFPR e Perspectivas dos Aposentados e aposentados; A família contemporânea: da estruturada a ruptura; Meio ambiente e desenvolvimento sustentável - solução para a crise ecológica mundial?; Política e Desenvolvimento Social: uma visão de mundo e de política social no Brasil.

Em 1998 o programa contou com visita ao Centro de Estudos do Mar da UFPR, acompanhada de exploração de barco; depois houve palestra sobre a poesia como comunicação entre os seres humanos; atividades com acadêmicos do Curso de Psicologia; palestra sobre a arte: história e a contemporaneidade; perspectiva de

saúde na Medicina gerontológica e suas conseqüências; Ciências e Tecnologia: a produção do saber no Centro Federal de Educação – CEFET; Passeios, Parques e Trilhas de Curitiba e Curso de Psicomotricidade Humana.

Curso de Atualização Sobre Problemas do Mundo Contemporâneo

Em 1999, uma temática polêmica sobre a comemoração do próximo ano: "Revisando nossas raízes aos 500 Anos de Brasil". Os objetivos foram revisar nossas raízes nas proximidades do ano 2000 e comemoração de 500 anos de Brasil, revendo o mundo europeu e a formação da cultura brasileira e paranaense por meio de palestras, visitas a museus, consulados, exposições e excursões. O programa contou com palestras sobre Semana de Arte Moderna e suas conseqüências para a Cultura Brasileira; Visita ao Museu Paranaense: "Raízes da Cultura Paranaense (séc.XXI - XX); Brasil-Portugal aos 500 anos: UFPR a associação de Universidades da Região Norte de Portugal: Intercâmbio e experiências; Visita ao Museu e à cidade da Lapa: História, Política e arquitetura da Lapa; Brasil e Espanha: A contribuição dos espanhóis à cultura brasileira; Brasil e França: Relações culturais; Brasil e Itália: Aspectos sócio-culturais entre os países; Brasil e Polônia: Um passado e um presente; Brasil e Alemanha: Perspectivas sócio-político-culturais; Brasil e Grécia: Relações Culturais; Excursão e palestra: Museu Etnográfico e Cidade de Paranaguá; Brasil e final do século: Relato de experiências; Apresentação artística: do Instituto de Educação do Paraná.

Curso de Problemas do Mundo Contemporâneo

Em 2001 o tema foi Educação Ambiental: As Relações Homem Patrimônio Natural e Qualidade de Vida.

O objetivo foi proporcionar um conjunto de conhecimentos e vivências sobre preocupações e busca de soluções para o meio ambiente do século XXI, oportunizando aos participantes conhecimentos e reflexão sobre homem-patrimônio natural, habilidades para a prática e de uma relação harmoniosa com o meio; tendo em vista a busca de melhor qualidade de vida. O programa contemplou: As relações Sócio-Históricas entre a sociedade, educação e Meio Ambiente; A Crise Sócio-Ambiental; Excursão: Reconhecendo o Litoral Paranaense: Ilha do Mel; As Relações Interpessoais e o Meio Ambiente/Dinâmicas e Vigências; Contextualização da Educação Ambiental e Experiências no Brasil, no Paraná e outros países; Educação ambiental: Homem, Ética e Patrimônio Natural; Área Urbana de Curitiba e Visita ao Bosque do Alemão; A Bio-dança e a qualidade de Vida; Bioética, Maturidade e qualidade de Vida; Trilha perceptiva no Parque Barigui; Corpo Criante: A Arte Pictórica e o Meio Ambiente, para mais Qualidade de Vida/ Vivências; O Vivido com Qualidade na Contação de Estórias/Técnica de Vivência; Dinâmicas Socioterapeutas e Educação Ambiental.

Curso de Problemas do Mundo Contemporâneo

Em 2002 o tema foi Arte, Música, Corpo e o Homem Histórico. Com arte, com música e com o corpo: O homem histórico em sua totalidade. O Curso foi organizado a partir de sugestões dos participantes pretendeu explorar as relações entre o ser, o pensar, o agir e o sentir, isto é, a emoção e a imaginação impulsionadas para o desenvolvimento humano na perspectiva da educação permanente. Os objetivos foram socializar saberes, com arte, com música, como corpo, conhecendo o homem histórico, como expressão artística de sal totalidade.

Os conteúdos e as atividades foram: Arte, Música, corpo e o homem. Por quê?; Reencontro: Vivência Festiva; A Emoção e imaginação: implicações para o desenvolvimento humano; Memória: avanços contemporâneos da neuropsicologia; O violino e a longevidade; Excursão Cultural e de Lazer a Treze Tílias e Friburgo/SC; A construção e desconstrução psico-social do preconceito; Com arte: o homem enquanto centro de atividades e criação; Artes Plásticas; o passado e o presente; Artes cênicas: oficina de imaginação e emoção; O Homem historicamente-produtivo e a atualidade; Leitura da arte: aspectos relevantes; Com música: ouvindo, aprendendo e executando; Com o corpo; bio-dança Sênior; Visita a Entre Rios/ Guarapuava - Cultura e lazer; A poética: o homem histórico e a apropriação do espaço.

Problemas do Mundo Contemporâneo: Conhecendo a Gerontologia Social:
atualização e aperfeiçoamento

Foi organizado com o objetivo de atualizar conhecimentos frente às novas contribuições científicas voltadas à longevidade com qualidade de vida. A Gerontologia Social como ciência que se ocupa dos problemas bio-psicológico, econômicos e sócio-culturais das pessoas idosas, virá oferecer respostas à demanda que se evidencia insistentemente por parte de inúmeras instituições na realidade de Curitiba. O programa contemplou os seguintes conteúdos: Atendimento Bio-ético ao idoso; Arte e Qualidade de Vida; Dinâmica das relações Interpessoais; Introdução à Gerontologia Social: aspectos históricos e sociológicos; Propedêutica aplicada ao idoso; Etno-história; a ancianidade em diferentes culturas; O processo de desenvolvimento bio-social humano e preparo contínuo do envelhecimento; A

bioética, maturidade e qualidade de vida; Geriatria: evolução, pesquisas e perspectivas para o novo milênio; Grupos multiprofissionais em Gerontologia: planejamento, metodologia e organização de grupos; Fundamentos de animação sociocultural; Dança Sênior "sentada": saúde e movimento; Estado e Políticas sociais: de saúde, de trabalho e de seguridade de atendimento ao idoso; A maioria no contexto da educação permanente; Painel: O homem Historicamente Produtivo na longevidade: experiências exitosas.

Especialização em Gerontologia Social

Estruturado em março de 2002, em parceria com o Departamento de Enfermagem da UFPR, o curso é dirigido para profissionais da saúde e de outras áreas com qualificação em nível superior. O objetivo do curso é a formação de profissionais que se envolvam com a perspectiva do envelhecimento humano. Está voltado a promoção do desenvolvimento humano ativo, seja qual for a idade, portador de potencialidades e possibilidades de realizações pessoais e sociais, como fim principal de seus atos numa permanente construção da cidadania. Foi proposto com o objetivo de oportunizar reflexões, conhecimentos, habilidades de modo a qualificar para executarem suas funções e práticas profissionais, em relação aos idosos, nas unidades específicas da UFPR e na comunidade em geral. O curso foi aprovado pelo CEPE da UFPR e foi ofertado, porém não chegou à execução devido a greve deflagrada naquele ano e, posteriormente por falta de recursos. (PRHAE >>>1997).

ANEXO 2 - SUB – PROJETOS E CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PROJETO INTEGRAR

Sub-projeto: Inserção acadêmica do idoso na Universidade.

O objetivo deste subprojeto é a inserção acadêmica do idoso e sua integração nos diversos cursos que a Universidade oferece, de modo que estes **têm** a possibilidade, de acordo com as vagas ofertadas, de participar das aulas de forma regular, nas disciplinas isoladas que são oferecidas. Este subprojeto visa oferecer possibilidades de melhora da qualidade de vida e crescimento pessoal desta população.

Sub-projeto: “ Projeto administrativo do Programa Integrar”.

O projeto administrativo do Programa Integrar tem como objetivos focar o programa como uma organização formal e poder melhorar seus processos administrativos visando seu aperfeiçoamento. O projeto tem como fundamentos epistemológicos a teoria desenvolvida por Guerreiro Ramos, buscando a sua caracterização como uma organização substantiva..

Sub-projeto: “Socializando saberes”.

Este sub-projeto tem o objetivo de potencializar habilidades, trabalhando com temas específicos de modo que o idoso possa aplicar seus conhecimentos, disseminando-os junto à comunidade.

Um dos propósitos do Programa Integrar é propiciar o desenvolvimento e o resgate da autonomia do indivíduo. Assim, este sub-projeto visa cumprir com este objetivo, pois o homem passa por um processo constante de aprendizagem e é importante que ele socialize estes conhecimentos. Assim o idoso poderá desenvolver um papel atuante na sociedade, a medida que compartilha os conhecimentos adquiridos.

Sub-projeto: “Curso de problemas do mundo contemporâneo”.

Este sub-projeto, consiste num Programa de Participação Permanente e pressupõe que o sentimento e o espírito universitário movem as atividades e práticas comunitárias a fim de não se perder a credibilidade na educação, o sentido e a necessidade do desenvolvimento humano, físico, artístico e histórico-cultural de nossa existência. O objetivo deste curso é socializar saberes com arte, com música, com o corpo, conhecendo o homem histórico como expressão artística de sua totalidade.

Sub-projeto: “Qualidade de vida”.

O objetivo deste sub-projeto é proporcionar discussões e reflexões à respeito da qualidade de vida, através de informações e da vivência de atividades práticas, visando à partir disso: mudanças de hábitos e a quebra da preconceituosa imagem de velhice que a sociedade impõe. Os conteúdos trabalhados abrangem temas como: saúde física e mental, alimentação, e lazer.

Sub-projeto: “Oficina de teatro - Construindo e Compartilhando Histórias”

O objetivo deste sub-projeto é o desenvolvimento de habilidades relacionadas à criatividade, imaginação e expressão nas suas mais variadas formas. Para o desenvolvimento deste trabalho optou-se pela utilização de técnicas teatrais como instrumento para o desenvolvimento das habilidades mencionadas. Com este intuito, será realizada uma parceria com profissionais da área de teatro, buscando a integração e o enriquecimento teórico-prático do projeto.

Sub-projeto: “Biodança”

O objetivo deste sub-projeto é trabalhar com emoções e sentimentos (raiva, amor/ternura, erotismo, alegria, tristeza) no sentido de que os participantes possam

reconhecê-los, mobiliza-los, respeita-los e expressa-los. Além disso as aulas de Biodança possibilitam desenvolver as dimensões do homem como: a vitalidade, a sexualidade, a criatividade, a afetividade, a transcendência.

Sub-projeto: “Curso de Ikebana Básico”

O objetivo deste sub-projeto é ensinar os fundamentos da Ikebana.

Sub-projeto: “Danças Circulares”

Sub-projeto: “Criar e Lembrar: é só começar”

O objetivo deste sub-projeto é, através dos conceitos teóricos da psicologia socio-histórica, dar condições aos participantes de **vivenciar** o fenômeno histórico-social da memória e da emoção; expressar, e desenvolver a memória / emoção significativa através da aproximação com os jogos e atividades expressivas;

**RETROSPECTIVA DAS ATIVIDADES E CRONOGRAMA
DO PROGRAMA INTEGRAR**

Datas: 07/14/15/24/28 de agosto de 2000.

Atividades:

Debate: “A realidade da UFPR como reflexo da realidade brasileira”

Relato: XII Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia realizado no mês de junho/00 em Brasília

“Vivências do Brincar”

Apresentação do filme O Show de Trumann com posterior discussão de temas apresentados no mesmo.

“Aspectos Psicossociais do Trabalho” (continuação do 1º semestre)

Datas: 02/03/16 de outubro de 2000

Atividades:

Palestra Vivencial: “Discutindo Habilidades Sociais”

Apresentação do Filme: “As Duzentas Crianças do Dr. Korckzak”

PROGRAMAÇÃO 1º SEMESTRE – 2001

Encontros para discussão sobre as idéias que centralizam o Projeto: concepção de homem; concepção sobre o idoso, sobre como deve se dar o processo de envelhecimento; fundamentação de qual deve ser o papel do psicólogo frente ao idoso – que atividades deve desenvolver; qual deve ser o papel de uma universidade pública e um Projeto de Extensão para o idoso; visão, missão do Projeto.

Datas: 09/11/16/19/24 de abril de 2001

Atividades:

Vivência de Abertura. Encontro de todos os participantes com a realização de uma vivência.

Passeio para Antonina. Aluna do curso de Turismo estará apresentando sua proposta de um passeio turístico-histórico pela cidade de Antonina, realizado pela agência Júnior de Turismo (TRILHAS), da UFPR. Neste dia serão passadas todas as informações aos participantes onde então os interessados poderão se inscrever para o passeio.

“A família e suas relações”. Palestra com o professor e psicólogo Carlos abordando o tema da estrutura familiar e suas modificações ao longo da vida.

“Eu e Meu Corpo”. A aluna de psicologia e bailarina Hanny Lissa Morgenstern estará apresentando a proposta de um trabalho que envolve a expressão e conscientização corporal, a redescoberta do próprio corpo dentre outros aspectos relacionados com o tema. Neste dia estará ocorrendo a formação de um grupo para os interessados.

“Poesias na tarde”. Alunas do curso de Letras estarão apresentando sua proposta para a realização de um trabalho que envolve a poesia, seus autores e suas obras, com atividades teórico-práticas no decorrer dos encontros. Esta atividade está aberta para todas as pessoas que se interessam pela poesia, não importando seu nível de conhecimento sobre o assunto. Neste dia estará ocorrendo a formação de um grupo para os interessados.

Datas: 03/08/10/15/16/17/21/22/24/29 de maio de 2001.

Atividades:

“Eu e meu Corpo”. Grupo de Expressão e Conscientização Corporal. Trabalho realizado pela aluna de Psicologia e Bailarina Hanny Lissa Morgenstern. O grupo está aberto para novos integrantes.

“Poesias na Tarde”. Atividade teórico-prática envolvendo a poesia, seus autores e suas obras. Esta atividade está aberta para todas as pessoas que se interessam pela poesia, não importando o seu nível de conhecimento sobre o assunto.

“Alimentação saudável”. Palestra com a nutricionista Simone Fiebrantz Pinto.

“Arte visual”. Trabalho prático com a artista plástica Cláudia de Lara

“Uma abordagem da Terapia Ocupacional para a Terceira Idade”. Palestra com as Professoras e Terapeutas Ocupacionais Solange Gurjão e Janete Nascimento Abuhanna.

Datas: 04/11/22/29 de junho de 2001

Atividades:

Apresentação do filme “Sociedade dos Poetas Mortos” com posterior discussão sobre os temas abordados.

“As Relações Interpessoais e o Meio Ambiente”. Palestra e vivência com a Profa. Yara L. M. Bulgacov e estagiárias.

Modelagem em Argila. Atividade prática que procura trabalhar a criatividade em uma nova forma de expressão. Coordenação: André Baliú aluno de escultura da Faculdade de Belas Artes do Paraná.

Vivência de Confraternização.

“Poesias na Tarde”. Atividade teórico-prática envolvendo a poesia, seus autores e suas obras. Esta atividade está aberta para todas as pessoas que se interessam pela poesia, não importando o seu nível de conhecimento sobre o assunto.

Datas: 23 e 30 de agosto de 2001

Atividades:

Atividade vivencial: “Integrar”. Nesta atividade busca-se a integração dos participantes entre si, bem como estar conhecendo mais sobre a programação do segundo semestre.

“Arte e Desenvolvimento Humano”. Palestra com a Profa Yara Bulgacov, resgatando o papel e a importância da arte na vida do homem.

Datas: 12/13/ 18/21/27/28 de setembro de 2001

Atividades|:

“Eu e minhas relações”. Atividade em grupo voltada à reflexão do tema.

“Arte e desenvolvimento humano”. Palestra com a Professora e Coordenadora do Projeto Dra. Yara L. Bulgacov, resgatando o papel e a importância da arte no cotidiano.

“Modelagem em argila”. Atividade prática coordenada pelo aluno André Baliú da Faculdade de Belas Artes do Paraná.

“Conhecendo e fonoaudiologia e suas implicações no dia a dia”.

“A arte de viver”. Nesta atividade estará sendo apresentada uma proposta de um grupo de reflexão sobre o significado da vida e sua finitude.

“Alimentação saudável”. Palestra com a nutricionista Simone Fiebrantz Pinto, abordando a importância da alimentação na qualidade de vida.

Datas: fevereiro de 2002

Atividades:

Qualidade de vida: Atividades físicas com alunos de educação física

Data: março de 2002

Atividades:

Projeto EIC- Escola de informática e cidadania: A EIC – INTEGRAR UFPR foi criada em março de 2002 em parceria com a Ong CDI-PR

(Centro para a Democratização da Informática do Paraná) para atender os participantes do Programa Integrar. O objetivo da EIC- INTEGRAR UFPR é utilizar a informática como instrumento para promover a cidadania e a inclusão digital dentro de uma população onde o acesso a esta tecnologia é restrito e ainda, conscientizar o idoso de seu papel como cidadão ativo, construído sócio-historicamente, portador de direitos e deveres.

Datas: 02/05/17/22 e 01 de agosto de 2002

Atividades:

“História e Memória”. Palestra com a Prof. Dr. Denise Camargo

Apresentação e Discussão do Projeto: Criar e Lembrar ... É só Começar! Memória e Narrativa

Vivência com o Terapeuta Corporal Rodrigo Soares dos Santos

Criar e Lembrar ... É só Começar! Memória e Narrativa:

“Memória e Longevidade Cerebral”. Palestra com o Prof. Dr. Egídio José Romanelli

Explicação da técnica de autobiografia

Explicação do trabalho de pesquisa em comunidade: resgate das memórias pessoal e social

Atividades de estimulação cerebral

Apresentação do filme: “A Vida em Preto e Branco” com posterior discussão sobre questões abordadas no mesmo

“Desenvolvimento Humano”. Palestra com o Prof. Ronaldo Câmara Barra

Datas: 04/05/09/11/12/18/19/25/26 de novembro de 2002

Atividades

“Biodança” - Confiança em si e na vida - Caminho para um viver mais feliz

“Combatendo o stress: a caminho da qualidade de vida”. Cuidados com o seu corpo: pequenas ações que fazem diferença.

“Crescendo e Melhorando na relação com o outro e com o mundo”. Construindo um trabalho significativo.

Viagem para Colombo: Circuito de Turismo Rural

Atividades Fechadas:

Criar e Lembrar... É só começar

Construindo Caminhos

Cantando a Vida

Percorrendo os caminhos da vida

Oficina de Artecrescimento-

Datas: 06/12 de 2002

Atividades:

Apresentação de painéis das atividades que estão sendo oferecidas no Programa pelos próprios participantes.

Pré-seleção para as aulas de Informática e Cidadania.

Apresentação das propostas para o ano de 2003.

Confraternização

Datas: 04/05/06/07/11/12/13/14/18/21/22/27/28/29 de agosto de 2003

Atividades:

“Curso de Ikebana Básico”- 2.º grupo

“Construindo e Compartilhando Histórias” – Um espaço para desenvolver a criatividade, imaginação e expressão através de técnicas teatrais.

“Qualidade de Vida” – Atividades com a equipe de Nutrição

“Biodança”- Dançando a vida com alegria

“Curso de Ikebana Básico”- 1.º grupo

“Construindo e Compartilhando Histórias” – Um espaço para desenvolver a criatividade, imaginação e expressão através de técnicas teatrais.

“Qualidade de Vida” – Atividades com a equipe de Nutrição

“Biodança” – Dançando a vida com alegria

“Biodança” – Desenvolvendo a auto-estima.

“Criar e lembrar...é só começar!” - Memória, Narrativa e História” – Potencialização da memória através do resgate e reflexão de experiências de vida.

Oficina de Artecrescimento –